

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM INOVAÇÃO NA
COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO**

EDMAR LUZ DE ALMEIDA

**ATEUFOBIA: O desafio da comunicação de interesse público no
combate ao preconceito e discriminação contra os ateus no Brasil**

**São Caetano do Sul
2021**

EDMAR LUZ DE ALMEIDA

ATEUFOBIA: O desafio da comunicação de interesse público no combate ao preconceito e discriminação contra os ateus no Brasil

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Inovação na gestão e produção da comunicação de interesse público

Linha de Pesquisa: Gestão da Comunicação de Interesse Público

Orientadora: Profa. Dra. Regina Rossetti

São Caetano do Sul
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

ALMEIDA, Edmar Luz de

Ateufobia: o desafio da comunicação de interesse público no combate ao preconceito e discriminação contra os ateus no Brasil/ Edmar Luz de Almeida – São Caetano do Sul: USCS / Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2021.

101 p.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Rossetti

Dissertação (Mestrado) – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público – 2021

1. Ateísmo. 2. Ateufobia. 3. Ateu. 4. Intolerância religiosa. 5. Comunicação de interesse público. I. ROSSETTI, Regina. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Prof. Dr. Leandro Campi Prearo**

**Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro**

**Gestão do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Prof. Dr. João Batista Freitas Cardoso**

Trabalho submetido e aprovado em 03/08/2021 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Regina Rossetti (USCS)

Prof. Dr. João Batista Freitas Cardoso (USCS)

Profa. Dra. Camila Escudeiro (UMESP)

AGRADECIMENTOS

À minha família, pela paciência e apoio que me garantiram a paz necessária durante a realização deste trabalho.

Aos amigos, pelo entusiasmo e torcida para que este estudo gere bons frutos.

Aos docentes da Universidade Municipal de São Caetano e de outras instituições, que tiveram papel importante nesta jornada.

À minha orientadora, Professora Doutora Regina Rossetti, por direcionar os melhores caminhos para este resultado que se apresenta.

Ao professor e amigo Ricardo Oliveira da Silva, pelo apoio e incentivo para ampliar a produção no segmento ateuísta.

Aos discentes, colegas e amigos novos, que percorreram esta jornada comigo.

A todos os funcionários da USCS.

E, por fim, aos ateus e ateias Adriana, Enoque, Eurimar, Glória, Guilherme, Harryson, Marciel, Marlon, Ofélia, Raphael, Renato, Thairo, Vinícius, Wellington. Sem eles, nada teria acontecido.

RESUMO

Os ateus na sociedade brasileira são tidos como imorais e pessoas sem limites, como é observado de forma unânime nas pesquisas que tratam do tema. O objetivo principal deste trabalho é descrever como os ateus se sentem no Brasil diante do preconceito e discriminação e, como objetivo secundário, propor ação comunicativa para dar visibilidade à minoria ateuísta, pois trata-se de um grupo sem voz e sem representatividade política. Esta pesquisa é de natureza qualitativa de nível exploratório e delineamento de campo. A metodologia envolve revisão bibliográfica sobre o tema investigado e entrevistas. Foram ouvidos ateus e ateias brasileiros que se dispuseram livre e espontaneamente a oferecer os seus relatos, atendendo a um convite publicado no Facebook e no Instagram. Os resultados são episódios em que os entrevistados relatam sentimentos de humilhação, desrespeito, estranheza, exclusão social e dor, entre outros. Esses sentimentos expressos pelos ateus e ateias podem ser englobados em três blocos que remetem à única pesquisa sobre o tema, de 2008, segundo a qual 42% dos brasileiros sentem antipatia, repulsa e ódio contra os ateus. Eles estão bem detalhados na proposta de intervenção, no caso, o livro *Ateufobia - Aversão, desprezo e ódio para com os descrentes*. Os ateus brasileiros também defendem uma nova fase na comunicação com a sociedade. Querem ir às ruas, seja realizando ações sociais, participando de eventos ou debates, com o objetivo de divulgar o ateísmo e apresentar o ateu como um indivíduo comum e não uma pessoa maléfica, como supõe parte da população.

Palavras-chave: Ateísmo. Ateufobia. Ateu. Intolerância religiosa. Comunicação de interesse público.

ABSTRACT

Atheists in Brazilian society are seen as immoral and people without limits, as is unanimously observed in research dealing with the subject. The main objective of this paper is to describe how atheists feel in Brazil in the face of prejudice and discrimination and, as a secondary objective, to propose communicative action to give visibility to the atheist minority, as it is a group without a voice and without political representation. This research is qualitative, exploratory level and field design. The methodology involves a literature review on the investigated topic and interviews. Brazilian atheists and atheists were heard who were willing to freely and spontaneously offer their stories, in response to an invitation published on Facebook and Instagram. The results are episodes in which respondents report feelings of humiliation, disrespect, strangeness, social exclusion and pain, among others. These feelings expressed by atheists and atheists can be grouped into three blocks that refer to the only survey on the subject, from 2008, according to which 42% of Brazilians feel antipathy, disgust and hatred against atheists. They are well detailed in the intervention proposal, in this case the book *Atheophobia - Aversion, contempt and hatred towards unbelievers*. Brazilian atheists also advocate a new phase in communication with society. They want to take to the streets, be it carrying out social actions, participating in events or debates, with the aim of spreading atheism and presenting the atheist as an ordinary individual and not a malevolent person, as part of the population assumes.

Keywords: Atheism. Atheophobia. Atheist; Religious intolerance. Public interest communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação nominal dos entrevistados (1 a 7)	56
Figura 2 - Relação nominal dos entrevistados (8 a 14)	57
Figura 3 - <i>Post</i> entrevista com ateus e ateias	58
Figura 4 - <i>Post</i> depoimento de uma ateia	61
Figura 5 - Resposta ao <i>post</i> de acordo com a faixa etária	62
Figura 6 - Instruções básicas para o entrevistado	63
Figura 7 - O que despertou o seu ateísmo? 1 a 7.....	68
Figura 8 - O que despertou o seu ateísmo? 8 a 14.....	68
Figura 9 - Como as discriminações ocorreram? 1 a 7	74
Figura 10 - Como as discriminações ocorreram? 8 a 14	75
Figura 11 - Qual palavra representa o episódio de discriminação mais marcante na sua vida?.....	77
Figura 12 - O que os ateus/ateias podem fazer para combater a discriminação? 1 a 7	80
Figura 13 - O que os ateus/ateias podem fazer para combater a discriminação? 8 a 14	81
Figura 14 - Há relação de apoio das demais minorias para com os ateus/ateias? 1 a 7	82
Figura 15 - Há relação de apoio das demais minorias para com os ateus/ateias? 8 a 14	82
Figura 16 - Mockup da capa provisória do produto.....	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados / Por idade	54
Tabela 2 – Perfil dos entrevistados por região de origem	55
Tabela 3 - Perfil dos entrevistados por grau de instrução	55
Tabela 4 - Perfil dos entrevistados por sexo	56
Tabela 5 - Em que idade se tornou ateu/ateia? Por faixa etária	71
Tabela 6 - Em qual idade se tornou ateu/ateia. Por sexo	72
Tabela 7 - Quantos episódios de discriminação já enfrentou?	73
Tabela 8 - Sentimentos dos ateus ao serem discriminados	78

LISTA DE SIGLAS

ATEA	Associação Brasileira dos Ateus e Agnósticos
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENA	Encontro Nacional de Ateus
FLIP	Feira Literária de Paraty
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHEU	União Internacional Humanista e Ética
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SECOM	Secretaria de Comunicação do Governo Federal
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UNB	Universidade de Brasília
USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 Origem do estudo	22
1.2 Problematização e pergunta problema	26
1.3 Objetivos	26
1.3.1 Objetivo principal	26
1.3.2 Objetivo secundário.....	27
1.4 Proposta de intervenção ou aplicação.....	27
1.5 Justificativa do estudo.....	28
1.6 Metodologia.....	29
1.7 Delimitação do estudo	30
1.8 Vínculo com a área de concentração e linha de pesquisa:.....	30
2 REFERENCIAL CONCEITUAL.....	32
2.1 Ateísmo na academia	32
2.2 Comunicação e ateísmo	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.1 Tipo de pesquisa.....	53
3.2 Amostra e sujeitos da pesquisa.....	53
3.3 Instrumento de pesquisa	57
3.4 Procedimento de coleta de dados.....	58
3.5 Procedimentos para desenvolvimento da proposta de intervenção:	64
3.6 Procedimentos para análise dos resultados:	66
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXO A - Certificado de participação no Intercom 2020.....	97
ANEXO B - Referências utilizadas no ensaio <i>Ateus, esses invisíveis na televisão brasileira</i>	98

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do preconceito e discriminação contra os ateus na sociedade brasileira. No imaginário nacional, os descrentes são tidos como imorais, pessoas sem limites e essa percepção, reforçada pela mídia, é observada de forma unânime nas pesquisas que tratam do tema. Esse estigma tem sua fundamentação histórica desde as sociedades antigas, que consideravam crime ser descrente, até os dias atuais, quando ateísmo ainda é criminalizado em mais de uma dezena de países, sendo passível de pena de morte em sete deles, caso a falta de crença se tornar conhecida, segundo o relatório *A Liberdade de Pensamento*, da União Internacional Humanista e Ética (IHEU), divulgado em 2012.

A pena capital para ateus vigora no Afeganistão, Irã, Maldivas, Sudão, Mauritânia, Paquistão e Arábia Saudita. O documento, apresentado à Organização das Nações Unidas (ONU) na época, destaca que a situação é pior nos países islâmicos, onde religião e Estado se confundem, mas, mesmo na Europa e nos EUA, as leis favorecem os religiosos e discriminam os ateus. Nos EUA, por exemplo, em pelo menos sete Estados a legislação impede ateus de assumirem cargos públicos, sendo que no Arkansas o ateu é proibido de depor em julgamentos, segundo o informe da IHEU.

O cristianismo, que predomina no Brasil, sentenciou os ateus à morte na fogueira durante a Inquisição. Embora, atualmente, os tempos sejam outros, a condenação aos ateus continua presente nas escrituras do Islamismo, Judaísmo e Cristianismo, o que corrobora o preconceito, levando o ateísmo a ser estigmatizado no Brasil. Segundo Giacomini-Filho e Martin (2015), isso é o que se percebe em textos jornalísticos e científicos.

Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2008), em 150 cidades do país, ouvindo mais de 2 mil entrevistados, apurou que os ateus são as pessoas mais detestadas no Brasil, merecendo repulsa, ódio ou antipatia de 42% da população. Esse estudo torna plausível a hipótese de que a “ateufobia”, aqui entendida como aversão ao ateu, faz parte do cotidiano brasileiro. Tal verbete ainda não é consagrado pelos dicionários de português e a proposta de conceituação dessa terminologia insere-se no contexto desta pesquisa, levando-se em consideração que “fobia” (de

origem grega), além de aplicar-se a medo, significa aversão ou atitude negativa em relação a uma determinada categoria de pessoas.

Segundo levantamento do Datafolha (FOLHA DE S.PAULO, 2016), os ateus formam uma minoria no Brasil quase nos mesmos patamares de espíritas e umbandistas, na faixa entre 1% e 2% da população, ou seja, aproximadamente entre 2 e 4 milhões de pessoas. Esse contingente minoritário tem sido alvo de ataques preconceituosos e ofensivos nos meios de comunicação. Na avaliação de Lima-Júnior (2012, p. 136), "tais ataques têm consequências sérias, pois se pautam em concepções correntes na sociedade, as quais tendem a estabelecer uma associação entre ateus e imoralidade". Segundo o autor, os ateus são retratados como pessoas sem limites.

Praticamente sem espaço na mídia tradicional (rádio, TV e jornal), o ateu convive no dia a dia com preconceito, discriminação e ameaças. A discriminação ocorre de maneira explícita, como é possível verificar nos relatórios apresentados no site da ATEA (Associação Brasileira dos Ateus e Agnósticos), nos balanços anuais do Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal, além daqueles frequentemente relatados nos grupos de ateus do Facebook. E se manifesta de forma velada com as expressões frequentemente presentes no cotidiano nacional que reforçam bordões de desprezo para com a minoria ateuísta, entre os quais é possível elencar: "Ateu nada, você é à toa"; "Quero ver na hora da morte"; "Vou rezar para você"; "Nossa, você nem parece ateu, você é boa pessoa".

Este trabalho, por fim, se insere no contexto da Agenda 2030, cujo Objetivo 10 busca a redução das desigualdades, sendo que a ODS 10.2 prevê empoderar a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra.

1.1 Origem do estudo

A ideia deste estudo surgiu a partir da constatação de que há escassez de trabalhos científicos no Brasil sobre o tema ateísmo. Busca exploratória no Google Acadêmico e no Catálogo da Base de Dissertações e Teses da Capes não identificou trabalhos que dão voz aos ateus. Na plataforma Web Of Science, em pesquisa preliminar sobre o tema, utilizando-se as palavras-chaves "ateísmo" e "ateu", foram

localizados nos últimos 20 anos 513 trabalhos sobre ateísmo em todo o mundo, sendo que desses apenas seis são de autoria de pesquisadores brasileiros, o que reforça a constatação de que o tema ainda é pouco abordado no país, apesar da mudança do perfil religioso da sociedade brasileira a partir da década de 1980.

Atualmente, os brasileiros que se declaram sem religião somam 7,9%, como mostra o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010. Nos anos 1980, esse percentual era de apenas 1% da população. Recentes pesquisas divulgadas nos meios de comunicação mostram um acelerado crescimento nesse índice, como noticiou a Folha de S. Paulo, em 24/12/2016. Segundo o jornal, citando levantamento do instituto Datafolha, a fatia dos “sem-religião” atinge 14% em 2016. Quanto aos ateus, especificamente, são raros os estudos diretamente focados nesse segmento minoritário, o que leva a frequentes confusões em torno do tema, quando pessoas que se dizem sem religião são confundidas como sendo ateístas. Até mesmo a 54^a. Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tratou a questão de forma equivocada, como é possível constatar na reportagem sobre o congresso. Publicada no Estado de S. Paulo, sob a manchete *Aumento do número de ateus já preocupa a Igreja Católica*, de 09/04/2016, o debate tratou a minoria ateuista como sendo 7,9% da população brasileira, índice relativo aos “sem religião”, apontado pelo IBGE de 2010.

Há de se ressaltar que existe uma variedade de expressões que são utilizadas para tratar o ateísmo, como, por exemplo, ateísmo clássico, ateísmo moderno e ciberateísmo. E, mais recentemente, ganha corpo a difusão de novo ateísmo, termo usado para caracterizar o ateísmo contemporâneo, mais precisamente a partir de 2004, como um movimento iniciado nos EUA com a publicação de uma série de livros desmistificando as religiões, em virtude do atentado de 11 de setembro de 2001 naquele país, patrocinado pelos adeptos do islamismo. Segundo Silva, Ricardo (2018), o ateísmo como fenômeno histórico com amplitude social é algo muito recente, sendo apenas agora que surgem trabalhos sobre o assunto. Ele é o idealizador da disciplina *História do Ateísmo*, única no Brasil e oferecida em caráter opcional, em 2019, pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMT), no Campus Andradina, e autor do livro *O Ateísmo no Brasil* (2020).

Com efeito, o olhar acadêmico sobre o ateísmo no Brasil passou a ocorrer após a criação da ATEA, em 2008, e do *boom* das redes sociais, especialmente o Facebook, pois a maioria das pesquisas envolvendo ateus abordam esses

acontecimentos. A consulta ao Catálogo de Teses da Capes, em 10/01/2020, usando ateu como termo de busca retornou 54 trabalhos. Desses, 38 foram publicados entre os anos 2008 e 2018, sendo 2010 o ano campeão da produção científica com 10 trabalhos. Os 16 estudos restantes, do total de 54 identificados, estão distribuídos entre os anos de 1990 e 2007, o que dá uma média de 0,8 trabalho científico por ano no período.

A ATEA, desde que surgiu, transformou a Internet na trincheira de resistência dos ateus, chegando a atingir a marca de 750 mil seguidores até a sua página ser removida pelo Facebook, em 22 de outubro de 2018, sem explicações detalhadas sobre os motivos que levaram a rede social a tal decisão. O comunicado desse fato encontra-se na *homepage* do site oficial da entidade: www.atea.org.br.

Como membro associado da ATEA e ativista em defesa do direito de consciência dos ateus, eu próprio venho utilizando as redes sociais há um bom tempo para abordar esse tema. Atualmente, a minha página no Facebook possui aproximadamente 28 mil seguidores, do Brasil e exterior, no endereço eletrônico <https://facebook.com/edmarluzoficial>. Nessa página, já fiz testes com diversos tipos de *posts* para sondar o sentimento dos ateus em relação ao preconceito, bem como publiquei críticas aos privilégios das igrejas nas questões de Estado e a exploração dos canais de televisão para o comércio da fé.

Apesar de direcionar os meus *posts* patrocinados para públicos com interesse específico na temática, invariavelmente as publicações acabavam compartilhadas para grupos religiosos, dado que é impossível controlar o destino das mensagens após publicadas, quando adquirem dinâmicas próprias alcançando um espectro bem variado no ambiente digital. Em função disso, sempre ocorriam comentários preconceituosos de religiosos – alguns agressivos e com ameaças à minha integridade física – pelo fato de eu criticar o comércio da fé na TV e por explicitamente manifestar a minha descrença.

A reação a um dos *posts* mais simples que publiquei foi o que despertou, pela primeira vez, o meu interesse em elaborar este estudo. A referida publicação trazia a minha foto entre duas singelas frases. A primeira, "EU SOU ATEU", escrita assim, em caixa alta, acima da imagem, e, na parte de baixo, "E defendo o Estado laico", em letras menores. O objetivo do *post* era criar um elo de identificação entre a minha página e os meus seguidores, supostamente ateus e/ou simpatizantes do ateísmo. Para a minha surpresa, recebi diversos ataques de religiosos contra a minha

exposição como ateu, alguns intrigantes, como em especial o que literalmente dizia: "Você pode ser ateu, mas não precisa dizer isso". O simples fato de postar que eu sou ateu incomoda uma parcela dos brasileiros. Para eles, é ofensivo alguém explicitar a sua descrença em deuses, sendo apenas aceitável o ateísmo desde que o ateu "se coloque em seu devido lugar", ou seja, fique calado e invisível.

Além dessa experiência de ativismo digital, empreendi outra ação envolvendo o tema, dessa vez no campo político. Fui candidato ao Legislativo, em três ocasiões, na esfera municipal em 2016 e 2020 e, em 2018, no âmbito federal, quando utilizei exclusivamente essa temática como bandeira de campanha, não com o intuito de me eleger – pois seria utópico dadas as limitações eleitorais – mas para colocar o tema em discussão. Em 2016, segundo noticiado pela imprensa, "entre 480 mil candidatos a vereador, só um assumiu ser ateu" (PAULOPES, 2016), numa referência à minha candidatura. Segundo o autor da matéria, eu não consegui ser eleito, mas merecia estar no *Guinness*, o badalado livro dos recordes. Nessa e na eleição seguinte também pude vivenciar o estranhamento que a exposição de um ateu causa em alguns segmentos da sociedade, experiência que acabou ilustrando uma matéria da BBC Brasil, sob o título "Preconceito, agressividade e desconfiança: como é ser ateu no Brasil" (BERNARDO, 2016). Nela, são retratados os ataques que recebi nas ruas ao distribuir os meus "santinhos" e também nas redes sociais, quando fui vítima de zombaria e xingamentos como "Demônio" e "Satanás", além de ameaças de morte.

Certamente, tanto o ativismo digital quanto o político-eleitoral só ampliaram a discriminação, com o qual convivo desde que me identifico como ateu, seja nas relações pessoais ou profissionais. Com diversos graus e tipos de reação, em decorrência de algumas variáveis que dizem respeito ao interlocutor: origem, renda, nível educacional, local de moradia e, principalmente, grupo religioso a que o indivíduo pertence. A partir da minha experiência pessoal, considere ser razoável buscar entender como os ateus, enquanto grupo minoritário, lidam com essa questão. A expectativa é de que este estudo possa trazer elementos elucidativos acerca dessa questão e permitir uma teorização sobre o fenômeno.

1.2 Problematização e pergunta problema

As raras pesquisas sobre ateus no Brasil trazem um retrato preocupante. Como a da Fundação Perseu Abramo (2008), já citada, em que 42% da população brasileira manifesta sentir ódio, repulsa ou antipatia em relação aos ateus. Esse elevado índice de rejeição para com uma minoria de brasileiros ocorre em um país de hegemonia religiosa e com crescente avanço das bancadas evangélicas, em níveis federal, estadual e municipal, com o aumento de parlamentares eleitos com o apoio de grupos religiosos fundamentalistas. É de se ressaltar que o Estado brasileiro era confessional até 1890 e que mesmo após tornar-se um Estado laico, com a Constituição de 1891, vive ainda sob forte domínio da religião na política, no judiciário, na mídia e até mesmo na educação.

Uma outra pesquisa realizada pela CNT/Sensus revelou que apenas 13% dos brasileiros votariam em um ateu para presidente. Segundo o levantamento, 84% aceitariam votar num negro; 57% numa mulher; 32% num homossexual (MUNIZ, 2019).

Não se tem notícia de nenhum ato de solidariedade das demais minorias para com os ateus. Militantes LGBTs, negros, feministas, de religiões minoritárias afro etc. silenciam-se completamente em relação aos ateus, em todos os episódios em que esses são alvo de discriminação nos meios de comunicação, como o ocorrido em 2010, quando o apresentador José Luiz Datena atacou os ateus durante mais de uma hora, ao vivo, em programa da rede Band, cujo episódio resultou em uma ação na Justiça contra a Band e o apresentador por discriminação religiosa. Na época, nenhuma autoridade declarou apoio explícito à minoria ateuísta. Nesse contexto, torna-se relevante saber: "Como os ateus se sentem no Brasil diante do preconceito e discriminação a que são submetidos?"

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo principal

Descrever como os ateus se sentem no Brasil diante do preconceito e discriminação.

1.3.2 Objetivo secundário

Propor ação comunicativa visando maior visibilidade aos ateus e dando voz a esse grupo minoritário.

1.4 Proposta de intervenção ou aplicação.

O material coletado nas entrevistas a ser utilizado na dissertação do mestrado será adaptado à linguagem jornalística e transformado em um livro sobre o tema da discriminação contra os ateus no Brasil. Esse livro será estruturado em capítulos com histórias emblemáticas vivenciadas pelos ateus brasileiros. Essas histórias darão o tom do que se pretende apresentar como as formas de preconceito e discriminação que ocorrem contra os ateus e relatar como os descrentes se sentem em relação a isso.

A distribuição dos capítulos obedecerá a seguinte estrutura:

- A. Introdução: apresentação da temática do estudo e explicação sobre os critérios para a seleção das histórias que virão a seguir, as quais expõem o preconceito e discriminação contra os ateus.
- B. O que é ser ateu: contextualização sobre o que significa ser ateu, com um breve resumo sobre a história do ateísmo e a diferença com novo ateísmo ou neoateísmo.
- C. Os estigmatizados: relatos dos ateus sobre a discriminação e preconceito que sofrem em vários ambientes, como na família, trabalho, escola, nas relações afetivas como namoro, noivado ou casamento, entre outros ambientes. Além de descrever os exemplos de discriminação, busca-se mostrar como os ateus estão reagindo a essa situação, em função dos novos tempos com a disseminação da informação via Internet e redes sociais.
- D. Análise dos resultados: teorização sobre os exemplos de discriminação, explicando qual o significado deles, levando-se em consideração também as pesquisas já publicadas sobre a rejeição da população brasileira aos ateus.

O livro poderá ser apresentado em versão digital, com o objetivo de atingir o maior público possível, mas poderá vir a ser também impresso. A difusão do que sentem os ateus ao serem vítimas de discriminação, além de dar voz aos discriminados, pode contribuir para elevar o nível do debate inter-religioso e, por extensão, servir para melhorar o nível de tolerância no país. Dessa forma, o produto pode vir a contribuir para a compreensão da realidade brasileira e, também, para reforçar a importância dos valores da laicidade do Estado.

1.5 Justificativa do estudo

Este trabalho justifica-se pelo fato de o Brasil ser um Estado laico, onde deve vigorar o princípio da pluralidade e da diversidade de crenças ou não-crença. Entre os direitos humanos também está consagrado o direito à consciência. Quando um contingente minoritário é alvo de ataques, preconceito e discriminação, faz-se necessária a intervenção do Estado, seja por intermédio de campanhas educativas, ações afirmativas ou pela força da lei, visando garantir que o direito à consciência seja preservado, evitando-se a continuidade de atos de intolerância religiosa que atentam contra o Estado democrático de direito.

A comunicação de interesse público pode assumir papel preponderante nessa situação, dada a capacidade de mobilizar a população contra as injustiças, bem como pressionar os organismos oficiais para a tomada de medidas necessárias ao enfrentamento dos problemas. Ações efetivas de comunicação de interesse público, em última instância, têm a capacidade de influenciar – e até de determinar – os rumos da história envolvendo práticas de opressão contra as minorias. Ao lançar luz sobre o problema, invariavelmente, contribui para trazer à tona as soluções tanto almejadas pelos que sofrem o preconceito e discriminação.

Assim, dar voz aos que não têm voz, no caso os ateus, revela-se uma ação afirmativa de comunicação de suma importância para a harmonia e equilíbrio da sociedade, evitando-se atos de intolerância baseados em princípios religiosos. Este estudo ganha ainda maior relevância ao se perceber que além de não ser o foco principal de pesquisas, o ateísmo, quando abordado, é objeto de produções acadêmicas, em grande parte, elaboradas por religiosos, principalmente nas áreas das ciências das religiões, filosofia e teologia, como é possível constatar em consulta

ao site do catálogo da Base de Dissertações e Teses da Capes, o que configura um cenário desfavorável para os ateus também na academia.

1.6 Metodologia

Esta é uma pesquisa exploratória com um grupo de 14 ateus e ateias brasileiros para entendimento de como essa minoria convive com o preconceito e discriminação pelo fato de não acreditarem em deuses em um país de hegemonia religiosa. A função deste estudo é preencher lacunas em relação ao pensamento desse grupo, que é tido como uma minoria invisível e para isso se adotou este método mais flexível, pois não se pretende obter conclusões estatísticas nem tampouco oferecer uma amostra representativa da população ateuísta, dado que seria quase impossível obter em função de não haver levantamentos estatísticos que forneçam a estratificação do contingente de descrentes.

O estudo foi realizado com o desejo de se entender os sentimentos dos ateus e ateias diante da rejeição. A coleta de dados buscou responder a questões-chaves acerca da temática e aprofundou em extenso detalhamento dos episódios de discriminação para, a partir das particularidades, oferecer um retrato contundente da situação dos ateus e ateias, a ocupar espaço de destaque na proposta de intervenção.

Foram realizadas entrevistas por pautas com ateus e ateias de diversas partes do Brasil, unicamente através da plataforma Meet. Inicialmente, se pretendia realizar parte das entrevistas de forma presencial, pelo menos as com participantes da Região Metropolitana de São Paulo, mas essa opção acabou sendo desconsiderada em função da pandemia do coronavírus. As conversas foram gravadas na íntegra para serem depois anexadas ao banco de dados do repositório das pesquisas para consultas futuras, o que aufere a confiabilidade imprescindível ao trabalho, segundo as normas da USCS e da Capes.

Os entrevistados foram captados nas redes sociais. A captação ocorreu através de chamamento em um *post* publicado no Facebook e no Instagram, com um convite para relatarem os episódios de discriminação de que foram vítimas. Em seguida, os respondentes foram identificados e instruídos de como a pesquisa ocorreria, qual é o propósito do estudo, o tempo de duração média das conversas, a plataforma a ser utilizada para o encontro *on-line* e também alertados de que os depoimentos seriam

utilizados tanto na dissertação quanto na proposta de intervenção, isto é, o livro com os relatos e resumos deste texto dissertativo. O número de pessoas, portanto, se resume a uma amostra relevante que pretende ser representativa acerca do fenômeno.

1.7 Delimitação do estudo

Este estudo está inserido na área de comunicação de interesse público por tratar-se de questão social de discriminação e preconceito de um público específico, no caso, uma minoria populacional estimada na faixa de 2% da população ou cerca de 4 milhões de pessoas. O trabalho se restringe em entrevistar de forma *on-line*, com o uso do aplicativo Meet, os ateus de várias idades, e também de diferentes locais de origem, grau de instrução, sexo, profissão, com o objetivo de apresentar uma amostra representativa do pensamento dos ateus no Brasil sobre a discriminação que sofrem da sociedade.

A opção por ouvir unicamente os ateus sobre a questão explica-se pelo fato de que expressiva parcela desses indivíduos ainda reluta em assumir sua condição por receio de represálias, seja no âmbito familiar, no trabalho ou na sociedade. Esse anonimato dos ateus tem levado a uma inusitada constatação de que quando o ateísmo é abordado – nas raras vezes em que é abordado –, a discussão sobre o tema acaba sendo conduzida por quem não é ateu. Invariavelmente, são religiosos que discutem mais o ateísmo do que os próprios ateus, por estes se sentirem desconfortáveis para se expor, pelo fato de que a palavra ateísmo é interpretada de forma negativa por parcelas da sociedade brasileira.

1.8 Vínculo com a área de concentração e linha de pesquisa

Esta pesquisa é de comunicação de interesse público porque estuda uma situação de discriminação contra uma minoria da população brasileira. Essa minoria é vítima de arbítrio, opressão e totalitarismo, o que não condiz com os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos, na qual se inspira a comunicação de interesse público. Outro elemento que reforça esse vínculo é o fato de que os meios de comunicação tradicionais, com frequência, são utilizados como propagadores do

preconceito e discriminação contra os ateus. Isso ocorre, inclusive, nos canais abertos de TV, que são concessões públicas, portanto, que pertencem a todos os brasileiros, sejam ateus, católicos, evangélicos, umbandistas, espíritas etc., fatos que se configuram como crimes de intolerância religiosa e afrontas à laicidade do Estado. O objetivo da comunicação de interesse público é o bem-comum, sendo que a nossa Constituição, reconhecida como uma das mais democráticas do mundo, proclama e garante os Direitos Individuais e os Direitos Sociais, sem espaço para as discriminações, marginalizações, exclusões ou explorações.

Outro dado relevante é o fato de que a Constituição não só proclamou os direitos individuais e sociais como direitos fundamentais dos seres humanos, mas fixou meios de proteção, em casos de ofensas a tais direitos. Para Dallari (2017), não só as autoridades públicas – que não só podem, mas devem agir em defesa dos direitos fundamentais dos brasileiros – mas também a cidadania, por iniciativa individual ou de grupos sociais, pode atuar para a efetivação dos direitos fundamentais constitucionalmente proclamados e garantidos. A comunicação de interesse público, portanto, deve estar atenta aos desequilíbrios que possam ocorrer nesse cenário. E, quando constatadas violações, promover iniciativas capazes de minimizar ou corrigir tais situações.

Esta pesquisa inova ao dar visibilidade ímpar aos excluídos dos meios de comunicação tradicionais, ao dar voz aos ateus para que expressem os seus sentimentos de maneira livre, sem a interferência dos mecanismos de controle de edição da mídia tradicional, que é vinculada a interesses comerciais, políticos ou religiosos.

Como já citado, os ateus no Brasil só dispõem de uma única entidade representativa em nível nacional, no caso a ATEA, fundada em 2008. Não se tem conhecimento de centros culturais, ONGs, institutos ou clubes que reúnam membros dessa minoria. A própria ATEA funciona virtualmente, tendo como sede um endereço fiscal pró-forma e se reúne apenas uma vez por ano em endereços alugados ou cedidos unicamente para a realização da sua assembleia anual. Essas informações constam dos editais de convocação das assembleias anuais, publicados no próprio site da entidade. Onde se conclui que, ainda em 2021, os ateus se encontram nas camadas subterrâneas da sociedade brasileira.

2 REFERENCIAL CONCEITUAL

2.1 Ateísmo na academia

Segundo Silva, Ricardo (2018), a academia não tem dado ainda a devida atenção a pesquisas sobre ateísmo, sendo que esses estudos são recentes e incipientes. O mesmo autor questiona: "A conotação negativa atribuída ao ateísmo explicaria a escassez de pesquisas? Talvez ajude a entender essa situação, mas parece haver outros fatores também relevantes para tal circunstância." (SILVA, Ricardo, 2018, p. 290). Como exemplo, ele cita a forte tradição religiosa no país em contraste com a recente amplitude social que o ateísmo está adquirindo.

Seguindo caminho já trilhado por outros pesquisadores, entre os quais o próprio Silva, Ricardo (2018), ao se digitar ateu no site da Base do Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, a busca efetuada em 10/01/2020 retornou 54 arquivos, 2 a mais que o mesmo exercício constatou em 2019. A maioria deles encontra-se nas áreas de Teologia, Filosofia e Ciências da Religião. Em grande parte dos trabalhos, o ateu entra de passagem em abordagens sobre espiritualidade, formação pastoral, evolucionismo e outras questões. E nenhum, absolutamente nenhum, até o momento da busca, versa sobre a manifestação do ateu em relação à discriminação que sofre rotineiramente na sociedade brasileira. O trabalho mais recente na base até aquele momento, de 22/03/2019, de autoria de Fernando Mezadri, orienta-se pela questão da pesquisa "Por que um indivíduo torna-se um ateu?" É possível elencar, dada a minguada produção acadêmica no Brasil tendo ateísmo como foco central de investigação, quase todos os raríssimos trabalhos sobre o tema, além do citado acima, como se segue:

Ainda encantados? Neo-ateísmo e desencantamento do mundo, dissertação de mestrado de Leonardo Vasconcelos de Castro Moreira, apresentada à PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), em 2014. O estudo analisa de que forma Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens – os quatro mais badalados autores neocateístas – buscam construir uma nova visão do mundo, de acordo com os valores da ciência. Isso com base no conceito de Max Weber de desencantamento do mundo (MOREIRA, 2014).

O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum é a tese de doutorado de Clarissa de Franco. Defendida na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) em 2014. O estudo analisa as principais ideias ateístas de Richard Dawkins e a recepção dessas ideias pelos ateus brasileiros (FRANCO, 2014).

Ciência moderna, religião e novos ateístas, de Roney de Seixas Andrade, analisa os discursos de Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher. Essa tese de doutorado foi defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2016. O estudo parte da hipótese de que o neoateísmo possui uma pauta não apenas filosófica, mas principalmente político-cultural, como reação aos atentados de 11 de setembro de 2001 (ANDRADE, 2016).

Uma introdução ao movimento do neoateísmo: definições e meta-teses tem como autor Valmor Ferreira Santos. Trata-se de dissertação de mestrado, apresentada em 2016, na Universidade Federal de Sergipe. Mais um estudo que enfoca o neoateísmo, dessa vez apresentando-o como um movimento ideológico. O autor analisa a fundamentação do neoateísmo nas teses defendidas por Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens. Santos, V. (2016) relaciona as teses dos neoateístas com as ideias do filósofo Ludwig Wittgenstein, para quem os objetos só ganham significados quando relacionados com outras coisas.

Na dissertação *Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) x Estado brasileiro: ateísmo, laicidade e conflitos jurídicos na formação do primeiro movimento social ateu do Brasil*, o autor Danilo Monteiro Firmino sustenta que a ATEA é o primeiro movimento social ateu brasileiro. O trabalho foi apresentado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2018. Para o autor, a ATEA se apoia no poder judiciário para defender o ateísmo e o Estado laico (FIRMINO, 2018).

O artigo *Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista*, de 2014, versa sobre a tentativa de veiculação de uma campanha ateu nos transportes públicos, cuja iniciativa coube à ATEA. Para os autores, o ateísmo continua invisível no Brasil como fenômeno social e objeto de pesquisa acadêmica. Segundo Montero e Dullo (2014, p. 59), “quando o ateísmo se posiciona publicamente contra a religião, é percebido como uma ‘crença individual’ entre outras e, enquanto tal, é devolvido ao campo das disputas religiosas, seus militantes sendo percebidos socialmente como uma ‘minoría fundamentalista’”.

Já as mídias digitais aparecem em dois estudos, pelo viés do ateísmo no Brasil contemporâneo. No primeiro, *Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual*, Giacomini-Filho e Martin (2015) consideram estratégica a utilização de sites e redes sociais para a comunicação ateísta no Brasil, dada a presença inexpressiva em outros meios de comunicação.

Graças a Deus sou ateu: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook tem como autor Rogério Fernandes da Silva. Sua dissertação de mestrado em ciências da religião foi defendida na PUC-SP, em 2015. Mais uma vez, o foco se concentra nas obras de Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens. Segundo Silva, Rogério (2015), influenciados por esses quatro autores, os ateus criaram grupos e páginas no Facebook para fomentar o debate entre ciência e religião no Brasil.

Há de se destacar: as pesquisas são muito recentes e a maioria delas se encontra na área das Ciências das Religiões, em estudos sobre o universo das crenças religiosas, entrando o ateísmo como contraponto, ou seja, como a não-crença. Também vale ressaltar a ênfase dada ao neoateísmo, em decorrência da influência dos quatro mais renomados autores ateus da atualidade: Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens.

O neoateísmo, em síntese, é o que tem despertado o olhar acadêmico para a descrença, inclusive por parte de pesquisadores das áreas de Teologia e Ciências das Religiões, os quais tentam dar um viés negativo ao movimento. Um exemplo é o artigo *Do ateísmo ao neoateísmo: uma breve retrospectiva histórica e suas implicações na sociedade atual*, publicado na Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões. Nele, Cardoso e Calixto (2018) tratam o neoateísmo como uma forma beligerante de ateísmo, com incentivo à saída da obscuridade daqueles que questionam a existência de deuses. O primeiro autor, com mestrado em Ciências das Religiões, é professor de Teologia e, o segundo, com doutorado em Teologia, é ministro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na cidade de Venda Nova do Imigrante (ES).

Segundo Silva, Ricardo (2018), novo ateísmo ou neoateísmo ganhou destaque em 2006. O termo passou a designar as discussões e polêmicas que surgiram com a publicação das obras *A morte da fé* (2004), de Sam Harris; *Deus, um delírio* (2006), de Richard Dawkins e *Quebrando o encanto - A religião como fenômeno natural* (2006), de Daniel Dennett. Completou a lista, depois, *Deus não é grande – como a*

religião envenena tudo (2007), de Christopher Hitchens. Essas obras surgiram na esteira do atentado de 11 de setembro de 2001, perpetrado pelos fundamentalistas islâmicos. Esse episódio, segundo os neotatistas, comprova a ameaça que a religião representa para a humanidade e, assim, defende que a religião se restrinja ao foro privado.

Convém, porém, reunir alguns conceitos que são abordados com frequência ao longo do trabalho, como se seguem:

ATEÍSMO MODERNO - Segundo Xavier e Cardoso (2020), o ateísmo é um fenômeno que remonta à própria existência humana. O filósofo e poeta grego Diágoras de Melos (465 AEC a 410 EAC) é chamado de "o primeiro ateu" por ter sido assim citado por Cícero no *De Natura Deorum* (PAULOPES, 2012). Diágoras de Melos pode ter sido o primeiro a dizer que a religião foi uma invenção dos governantes para assustar as pessoas de modo a fazê-las seguir uma ordem moral (PAULOPES, 2012). Também Epicuro e Lucrecio são personagens da antiguidade grega considerados ateus por não terem crença em um deus.

Para Xavier e Cardoso (2020), embora a descrença na existência de deuses seja percebida no mundo em todas as épocas, o ateísmo se tornou mais evidente a partir do Iluminismo. A partir da Revolução Francesa, a religião passou a ser questionada com mais vigor e se destacam, em seguida, nomes como os de: Voltaire, Charles Darwin, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Isaac Asimov, Simone Weil, que se diziam ateus.

O ateísmo moderno tem a sua marca no século XIX, quando passou a ter uma conotação de movimento social, sendo divulgado com atitudes militantes e visionárias e veio a sofrer uma variação, ou passado para uma nova fase chamada de ateísmo novo ou neoateísmo (XAVIER; CARDOSO, 2020)

Segundo Moreira, Leonardo (2014, p.23), "a descrença em um ente superior era algo para poucos intelectuais e, mesmo que houvesse uma descrença em setores da sociedade menos intelectualizados, não era algo significativo." Com as redes sociais, houve a difusão dessas ideias para um público mais amplo.

CIBERATEÍSMO - O termo ciberateísmo, segundo Martins (2017) em sua dissertação de mestrado, foi cunhado pela professora doutora Salma Ferraz em palestra na Semana de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2016. A partir daí, Martins (2017), na época mestranda, e a sua orientadora Salma Ferraz desenvolveram esse conceito, que é apresentado no trabalho *Ciberateísmo*:

religião e ateísmo em tempos de rede. Nele, a autora traz personagens que utilizam a rede mundial de computadores para manifestar a sua descrença ou contestar a crença do outro. Assim, ciberateísmo se contrapõe à ciberteologia, que seria a utilização dos espaços virtuais para a disseminação do discurso religioso. O ciberateísmo pode ser entendido também como ateísmo virtual, com a apropriação pelo ateu/neoateu dos recursos que a Internet oferece para a difusão de pensamentos, mensagens e questionamentos.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA - A intolerância religiosa está presente na esfera das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças de caráter religioso (VIEGAS *et al.*, 2010). Para os autores, a intolerância religiosa é uma prática que se autojustifica em nome de Deus, quer dizer, adquire o *status* de uma guerra de deuses encarnados em homens e mulheres que se odeiam e não se suportam.

Ainda segundo os autores, a intolerância religiosa enraíza-se na transição do politeísmo para os monoteísmos (judaísmo, cristianismo e islamismo). Sendo assim, a história das religiões monoteístas é também uma história de intolerância. Nesse sentido, os pesquisadores afirmam que:

Na medida em que exige o predomínio de um Deus Único, são inerentemente resistentes à existência de outras divindades, não podendo haver concorrentes. Neste sentido, a negação do outro, exigência necessária para a identificação do eu na relação como nós e o meu Deus, faz com que a intolerância religiosa e a política coexistam, em maior ou menor grau e a depender do contexto histórico e social, com manifestações de tolerância e aceitação da diversidade. Essa tensão é própria da guerra dos deuses e da necessidade de o Deus consolidar sua vitória e se tornar o único. O pêndulo entre a tolerância e a intolerância religiosa dificilmente atinge um ponto de equilíbrio. Mesmo diante da vitória do Deus Único, as diversas religiões monoteístas passam a disputar externamente e internamente. Assim, judaísmo, cristianismo e islamismo se tornarão irmãos inimigos, embora o Deus seja o mesmo. Tanto uns quanto outros sofrerão cisões que dizem respeito às várias formas de conceber Deus e aos interesses políticos e religiosos em jogo (VIEGAS *et al.*, 2010, p. 154).

LAICIDADE – O Estado laico é a separação entre política e religião. Segundo Santos, Monique (2015), esse princípio foi inicialmente apresentado por Descartes, Condorcet e Comte. Descartes, em *Discurso do Método* (1638) e *Princípios de Filosofia* (1644) defende a liberdade de pensamento; Condorcet defende a ordem dos valores da ordem da razão e Comte (1791), em *Cinco memórias sobre a instrução pública*, considera impossível instruir e converter ao mesmo tempo, deixando clara a sua posição pela educação laica.

Assim, o ensino religioso na escola pública fere um dos princípios do Estado laico, pois mede-se a laicidade pela inexistência ou não de religião de Estado e pelo ensino religioso na escola, segundo Ternisien (2007, p.26-28), citado por Santos, Monique (2015), cuja pesquisa deixa claro que a laicidade implica no direito de não acreditar ou professar nenhuma fé, cabendo ao Estado respeitar o ateísmo. Assim, conclui Santos, Monique (2015), laico não assegura apenas o direito a quem tem algum tipo de credo, mas também àqueles em que nada acreditam, ou que não possuem uma doutrina pré-definida.

NEOATEÍSMO - Segundo Franco (2014), o neoateísmo apresenta-se como um movimento social com características modernas e agressivas que distinguem o neoateu, a seguir: proposta de secularização e laicidade do Estado; abordagem mais concentrada do ateísmo no campo científico; velocidade da Internet na propagação e alcance da mensagem; e combate ao fundamentalismo religioso.

Na avaliação de Xavier e Cardoso (2020), os neoateus afirmam que a prova de que Deus existe deve ser alcançada pela hipótese científica e não por argumentos filosóficos, ou seja, o ônus da prova cabe a quem quiser provar a existência de algo.

Koslowski e Santos (2016, p.100) enfatizam que: "o neoateísmo tem como pretensão uma visão de transformação global da cosmovisão religiosa por uma visão científica de mundo, e sua ação política e de identidade leva para a ação de defesa dos direitos dos ateus."

Segundo Moreira (2014, p.23), "uma característica do neoateísmo é a alegada cientificidade de suas teses, sendo que no passado os autores mais antigos do ateísmo clássico chegavam ao seu ateísmo muito mais por um pensamento filosófico do que pelo uso da ciência".

COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO - Segundo McQuail (2012, p.17),

a comunicação tem diversas dimensões relevantes: o mesmo ato de comunicação pode ter uma natureza privada e pessoal, assim como uma importância pública; pode ter um valor sociopolítico e econômico; pode ser considerado tanto uma necessidade, um direito básico, como um favor pessoal, uma questão de desejos e não de necessidades.

Para o autor, é impossível determinar com exatidão quando e onde as atividades da mídia de massa pertencem à esfera privada ou pública, ou seja, se são ou não de interesse público.

McQuail (2012) enfatiza que público indica aquilo que está aberto, em oposição a fechado, o que está livremente disponível em vez de privado, o que é coletivo e comum e não individual e pessoal. Assim, observa,

pode-se utilizar interesse público para se referir aos supostos benefícios informativos, culturais e sociais à sociedade como um todo que vão além dos interesses imediatos, particulares e individuais daqueles que participam da comunicação pública, seja como emissor ou como receptor“ (McQUAIL, 2012, p.17).

Segundo Duarte (2007, p.2), “a comunicação pública ocorre no espaço formado pelos fluxos de informação e de interação entre agentes públicos e atores sociais (governo, Estado e sociedade civil – inclusive partidos, empresas, terceiro setor e cada cidadão individualmente) em temas de interesse público“. Na visão do autor, a comunicação de interesse público abrange compartilhamento, negociações, conflitos e acordos visando atender interesses referentes a temas de relevância coletiva. Assim, “a comunicação pública ocupa-se da viabilização do direito social coletivo e individual ao diálogo, à informação e expressão, assumindo a perspectiva cidadã na comunicação envolvendo temas de interesse coletivo“(DUARTE, 2007, p.2).

A comunicação pública é diferente de comunicação governamental e de comunicação política. A comunicação governamental, explica Duarte (2007), diz respeito aos fluxos de informação e padrões de relacionamento envolvendo os gestores e a ação do Estado e a sociedade. Estado é aqui compreendido como o conjunto das instituições ligadas ao Executivo, Legislativo e Judiciário, incluindo empresas públicas, institutos, agências reguladoras, área militar e não deve ser confundido com governo.

A comunicação política, por sua vez, trata do discurso e ação de governos, que são transitórios, partidos e seus agentes na conquista da opinião pública em relação a ideias ou atividades que tenham a ver com poder político, relacionado ou não a eleições.

Para Duarte (2007), o campo da comunicação de interesse público inclui tudo que diga respeito ao aparato estatal, às ações governamentais, partidos políticos, terceiro setor e, em certas circunstâncias, às ações privadas. E está vinculado a conceitos como: cidadania, causas sociais, democratização, participação, diálogo, interesse público. Segundo o autor, “a ideia-chave talvez

seja a de *espírito público*, o compromisso de colocar o interesse da sociedade antes da conveniência da empresa, da entidade, do governante, do ator político. O objetivo central é fazer com que a sociedade ajude a melhorar a própria sociedade“ (DUARTE, 2012, p.3).

2.2 Comunicação e ateísmo

É de ressaltar a quase ausência na academia brasileira de artigos a respeito do ateísmo sob a ótica da comunicação. Em função dessa escassez, considerou-se oportuna a inclusão neste trabalho de ensaio científico do próprio autor desta dissertação, com o título "Ateus, esses invisíveis na televisão brasileira", produção esta que foi aceita e apresentada no congresso Intercom 2020 (Anexo I).

Ateus, esses invisíveis na televisão brasileira – um ensaio

Edmar Luz - Regina Rossetti

Qual foi a última vez que o telespectador teve a opção de assistir a uma reportagem sobre os ateus ou ateísmo na TV aberta brasileira? Esse questionamento, aparentemente singelo, será capaz de levar a reflexões significativas acerca da forma como a produção televisiva reserva aos ateus o papel de “invisíveis” e, por conseguinte, ao entendimento sobre as implicações econômicas, sociais e políticas relacionadas a essa “invisibilidade”. Esse é o percurso a que o leitor está convidado a percorrer a partir de agora. Há de se alertar: não há garantia de chegada a um destino efetivo, claro ou preciso. A caminhada, porém, pode vir a revelar empolgantes descobertas – ou a especular sobre as suas possibilidades – relacionadas à ausência de ateus na mídia televisiva até o presente momento.

A invisibilidade dos ateus nos canais de televisão aberta no Brasil é um fato que não necessita de pesquisas científicas ou levantamentos estatísticos para ser aceito. Como lembra Sponholz, Liriam (2009, p. 56), em “O que é mesmo um fato?”, ao se afirmar “*isto é um fato* passa a ser o mesmo que dizer *isto é óbvio, a realidade é assim (mesmo)*”. Portanto, trilhando essa linha de pensamento, a autora enfatiza que “fatos podem ser definidos tanto do ponto de vista ontológico, ou seja, daquilo que existe, como do ponto de vista epistemológico, daquilo que se conhece”. Entretanto, esse conceito é aplicado ao estudo do que seja um fato sob o viés jornalístico, a merecer, então, o alerta explícito na conclusão do artigo escrito pela pesquisadora (p. 67): “esses fatos podem ser credíveis, mas não são a realidade em si, contém valores

e via de regra não se pode dizer a priori se são falsos ou não, porque não foram averiguados validamente”. Mas parece bem claro, conclui Sponholz (p.67): “a essência daquilo que se chama de fato tem consequências bastante concretas para o jornalismo e para a sua contribuição para a produção do conhecimento”.

Se a invisibilidade dos ateus na TV é um fato, apesar das ressalvas de que ainda não conquistou o status de um fato averiguado e validado cientificamente, que contribuição o estudo desse fato pode propiciar? Essa invisibilidade se traduz na ausência dos ateus nos programas jornalísticos, nos debates e nos programas de entretenimento. E ocorre igualmente na dramaturgia, tanto nas séries, minisséries e novelas. O contrário é perceptível de forma avassaladora: o teísmo, seja o alardeado por católicos, evangélicos ou por outros grupos religiosos, parece dominar o espectro televisivo em todas as frequências VHF e UHF (faixas em que se concentram os canais abertos), atingindo impressionantes níveis de saturação com a escandalosa aquiescência dos setores governamentais responsáveis pela fiscalização dos serviços de telecomunicação oferecidos pelas concessionárias públicas de radiodifusão.

Como se não bastasse o monopólio do espaço da produção jornalística, as religiões se proliferam nas grades de programação dos canais ocupando questionáveis horários arrendados pelas emissoras às igrejas, numa afronta aos princípios constitucionais do Estado laico e, especificamente, ao que determina o Código Brasileiro de Radiodifusão e a Lei das Concessões, que impõem limites a essa comercialização. No final do ano passado (09/12/2019), foi noticiado pela Veja (MUNIZ, 2019) que o Ministério Público Federal do Rio investiga "invasão religiosa" na grade de emissoras de TV, em referência às irregularidades cometidas pela Record, Rede TV e Band Rio na venda excessiva de horários para igrejas. No Rio, a Rede TV é a recordista nessa prática: na média semanal, segundo o MPF, 33,33% de seu tempo de programação é vendido a igrejas diversas.

Destacadamente, a reflexão sobre a invisibilidade dos ateus na TV se restringe à arena discursiva jornalística, uma vez que não caberia aos ateus a opção de arrendar horários para conquistarem visibilidade. Como a minoria ateuista iria viabilizar a compra de espaços nas emissoras, avaliados em milhares ou milhões de reais, se não dispõe, como as igrejas, de receitas subsidiadas pelo governo (em forma de convênios) ou privilégios tributários como os que favorecem o comércio da fé?

Com efeito, as igrejas valem-se de brechas jurídicas ou artimanhas fiscais para ampliar o poder econômico que lhes garante a exploração mercantil cada vez maior

do serviço público de radiodifusão. E o fazem utilizando o princípio constitucional do direito à liberdade de credo como trampolim para todo tipo de negócio na TV – e também no rádio - sem nenhuma tributação, fiscalização ou controle de um comércio nitidamente espúrio. Qual a relação, por exemplo, entre liberdade de credo e venda na TV - **isenta de impostos** - de "vassouras unguidas" ou "toalhas milagrosas"?

Não se trata de condenar a fé ou combater a espiritualidade. Essas são de âmbito pessoal e devem ser respeitadas. A Constituição assegura o direito à liberdade religiosa e esse é um princípio genuíno a ser defendido por todos. O que se discute é o uso de concessões públicas de TV que pertencem à sociedade em geral como escudo protetor de um sistema de exploração mercantil da (boa) fé dos brasileiros.

Excluídos da mídia, o fato é que os ateus permanecem invisíveis mesmo quando as oportunidades jornalísticas deveriam alçá-los aos holofotes televisivos. Sem pretender adentrar nos estudos dos critérios que o jornalismo adota para identificar se um evento é noticiável ou não, há elementos clássicos dos quais não se pode afastar – se não houver outras forças agindo em contrário – para a seleção das matérias. Entre os quais, é possível destacar: ineditismo, proximidade, relevância e oportunidade, a partir do artigo "Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade", de Franciscato, Carlos E. (2001), professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe.

Em 2012, por exemplo, a cidade de São Paulo foi palco do primeiro e, indiscutivelmente marcante, Encontro Nacional de Ateus (ENA). O Brasil – e talvez a América Latina – levou mais de 500 anos para sediar um evento onde pessoas descrentes em deuses pudessem se manifestar publicamente. O 1º. ENA ocorreu simultaneamente em várias capitais brasileiras, em 12 de fevereiro daquele ano. A escolha (12/02) é significativa: trata-se do aniversário de Charles Darwin, autor de "A Origem das Espécies", dando um especial simbolismo à data que é considerada informalmente no Brasil como o Dia do Orgulho Ateu. Nada disso foi suficiente para garantir ao evento sequer um minuto no noticiário da TV brasileira. Justiça se faça à mídia impressa que mesmo timidamente noticiou o acontecimento, como foi o caso da revista IstoÉ e do jornal O Estado de S. Paulo.

No ano seguinte, além do indiscutível *ineditismo*, o 2o. ENA poderia ser evidenciado no noticiário pelo fator *proximidade*. Ele ocorreu no teatro Bunkyo, na região central de São Paulo, cidade-sede de diversas emissoras, e reuniu quase 1 mil participantes provenientes de diversos Estados do Brasil. Seriam os ateus irrelevantes

para a mídia televisiva pelo fato de reunir menos de 2% da população brasileira, segundo as pesquisas? Ou haveria de ser justamente o contrário? Ou seja, a expressão de uma minoria discriminada e relegada ao subterrâneo, por si só, não é motivo suficiente para o interesse jornalístico?

Não obstante, o desprezo ocorreu em situações de indiscutível *relevância*. Como a vinda ao Brasil, em 2015, do biólogo Richard Dawkins para abrir o evento "Fronteiras do Pensamento", promovido pela Folha de S. Paulo. Dawkins é um dos intelectuais mais brilhantes do planeta, autor de diversos livros, entre os quais o bestseller "O Gene Egoísta". No Brasil, já vendeu centenas de milhares de exemplares do seu badalado "Deus, um delírio". Dawkins é um dos maiores expoentes do que se passou a chamar de neoteísmo ou ateísmo militante, movimento crítico das religiões e que busca dar visibilidade aos ateus. Além de ateu ou neoteu, cientista renomado, professor universitário, mantém nos Estados Unidos a Fundação Richard Dawkins para a Razão e Ciência, considerada uma das mais expressivas entidades que reúnem livres pensadores. É um intelectual extremamente provocativo, talvez o ateu mais famoso do mundo. Além de sua *relevância* acadêmica e literária, foi quem cunhou o termo "meme" muito tempo antes da expressão ganhar força como significado de ideia compartilhada, que veio a revolucionar a comunicação via internet. Nada disso, estranhamente, foi suficiente para suscitar nos meios televisivos a iniciativa de pautar o tema ateísmo ou uma entrevista com Richard Dawkins - exceção da TV Cultura. A presença de ateu tão emblemático não serviu de gancho para nenhum especial sobre os descrentes brasileiros. "Onde estão, quem são eles, como vivem, de que forma os ateus brasileiros lidam com a discriminação e preconceito? Veja na próx...". Não, não houve essa nem outra chamada de um possível programa sobre o tema.

Outro ateu igualmente destacado, o britânico Christopher Hitchens (morto em 2011) esteve no Brasil, em 2007, para lançar o seu best-seller "Deus Não é Grande – como a religião envenena tudo", na Flip (Feira Literária de Paraty). A presença de Hitchens foi capaz de suscitar debate na mídia impressa, mas não na TV. Na verdade, nem seria necessário depender da visita de um ateu estrangeiro para justificar a abordagem do tema ateísmo na TV. Ateus famosos também existem entre os brasileiros e estão igualmente confinados ao reduzido espaço na mídia impressa. Suas vozes e argumentos acabam restritos aos canais do Youtube, com falas editadas a partir de palestras ou encontros fechados. É o caso do *Doutor Fantástico* Drauzio

Varella, do zoólogo e divulgador científico Pirula, da neurocientista Suzana Herculano-Houzel, do cantor Tony Belloto e tantos outros.

Em 2011, sob o mote “diga não ao preconceito contra ateus”, o Brasil registrou a sua primeira campanha de visibilidade ateísta, patrocinada pela ATEA (Associação dos Ateus e Agnósticos do Brasil), entidade criada em 2008. Ou melhor, uma tentativa de campanha. Planejada inicialmente como um robusto plano nacional de mídia busdoor, a proposta acabou se restringindo à exibição de quatro outdoors em apenas uma cidade, Porto Alegre. Isso porque as empresas de ônibus recusaram os contratos de publicidade ao tomarem ciência do conteúdo das peças que seriam veiculadas, alegando proibições legais vigentes na legislação específica dos Estados.

Ao analisar a campanha ateísta, Montero e Dullo (2014, p.15) concluíram que a veiculação não suscitou impacto na mídia brasileira. "Os jornais mais importantes limitaram-se a dar pequenas notas informativas descrevendo a campanha e seus objetivos. Na maior parte das vezes não se estenderam em uma análise de fundo sobre a questão ateísta no Brasil". Para Giacomini-Filho, Gino; Martin, Sergio (2015, p. 15), "é possível que as peças realmente tenham contrariado dispositivos da ética publicitária, mas, de outro lado, o fator ideológico pareceu dominar a decisão de barrar a campanha em importantes capitais brasileiras". Na televisão, como de costume, prevaleceu a abstenção ao tema.

A televisão aberta, como o veículo de massa de maior poder de penetração e impacto junto à população brasileira, evita abordagens sobre o ateísmo. Há alguns registros, necessário ressaltar, de raríssimas participações de ateus em reportagens e em debates, principalmente em emissoras com escassos índices de audiência, como é o caso da TV Cultura e TV Gazeta, as duas de São Paulo. Como ensina o filósofo canadense H. Marshall McLuhan, na clássica obra "Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem", o meio é a mensagem. Quer dizer, leciona McLuhan (1964), o meio não é um simples canal de passagem do conteúdo, mero veículo de transmissão da mensagem. É um elemento determinante da comunicação. Dessa forma, transmissões em veículos frágeis impactam o universo receptor com proporcional fragilidade. Mensagens transmitidas por meios poderosos carregam em si o poder dos transmissores e, por isso, têm a capacidade de influenciar mais fortemente a massa receptora. Nas emissoras de maior penetração em termos de audiência, como Globo, Record, SBT e Band, além de raro, o aparecimento dos ateus

ocorre de forma lateral em debates envolvendo temas áridos para o público médio telespectador, como é o caso de debates sobre a laicidade do Estado e Geração Y.

Antes de buscar entender as razões do comportamento dos detentores das concessões públicas de TV em relação aos invisíveis ateus, torna-se imprescindível destacar como esse processo de outorgas se dá no Brasil, sendo essa uma relação promíscua com o objetivo de privilegiar grupos familiares defensores do *status quo*. Estaria aqui uma pista de que a invisibilidade dos ateus não se trata de mera má vontade ou desinteresse dos editores para com a minoria ateuista? Além de grupos familiares, as concessões públicas foram destinadas a igrejas, numa clara violação ao princípio constitucional de que as concessões de radiodifusão devem servir ao interesse coletivo. O que dizer de canais abertos como Canção Nova, Rede Vida e TV Aparecida, para ficar apenas em três exemplos, que utilizam a íntegra da programação para proselitismo religioso de uma única e determinada doutrina? Onde fica a diversidade de pensamento apregoada pela Constituição como requisito indispensável para a exploração do serviço de concessão pública de TV?

O funcionamento da radiodifusão brasileira está normatizado no Código Brasileiro de Radiodifusão, de 1960. As regras sobre a programação enfatizam o interesse social, pluralidade de ideias e caráter educacional e cultural. As concessões, portanto, deveriam ser utilizadas visando o interesse público. Mas, na prática, são utilizadas como moeda de troca pelos governantes. "No que diz respeito aos serviços de radiodifusão comercial no Brasil, a barganha política foi a tônica antes e após a redemocratização do país, em 1985", resume Ferreira, Gisele (2000, p. 9), no artigo "Sarney, FHC e Lula: 22 anos de conversas ao pé do rádio".

As concessões eram doadas pelo governo a empresários de sua preferência. Esses privilegiados acabavam vendendo as concessões, obtendo grande lucro na negociação. Foi aproveitando essa brecha que a Igreja Universal acabou adquirindo a Rede Record, com os milhões obtidos com o dízimo. Em 1996, ocorreu a reformulação no processo de concessões de TVs abertas, adotando-se o critério de licitações com o objetivo de dar transparência às outorgas. A mudança apenas alterou o nome da barganha, que passou de barganha política para barganha econômica, segundo Roldão, Ivete C. (2010), autora do estudo "O Governo FHC e a Política de Radiodifusão". O decreto das licitações no. 2.108/96 serviu, na prática, apenas para legalizar o "festival de concessões", como os jornais da época noticiaram os acordos envolvendo as permissões para a exploração da radiodifusão no Brasil.

"FHC distribuiu rádios e TVs educativas para políticos", de (25/08/2002), foi uma das inúmeras reportagens da Folha de S. Paulo mostrando o Raio-X das concessões que contemplaram entidades ligadas a aliados do governo. O mesmo vício se repetiu no governo seguinte, de Luís Inácio Lula da Silva. Em 18/06/2006, matéria da própria Folha de S. Paulo praticamente repetiu a mesma manchete de quatro anos antes, apenas trocando o nome do governante: "Governo Lula distribui TVs e rádios educativas a políticos". Como se observa, a farra das concessões das televisões é uma prática que não isenta partidos no Brasil. Lula, inclusive, autorizou e participou da festa de inauguração da Record News, também de propriedade da Igreja Universal, que passou a funcionar usando uma outorga vencida há mais de dois anos que pertencia antes à Rede Mulher, como apontou, à época, o Observatório do Direito à Comunicação do Intervejos (Coletivo Brasil de Comunicação Social). Percebe-se que não há santos nos negócios envolvendo televisão, concessões, igrejas e votos.

A simbiose econômico-político-religiosa estende-se a outro campo fundamental da regulamentação e exploração da radiodifusão no Brasil. Trata-se do Conselho de Comunicação Social do Senado, casa legislativa que, em última instância, é a que define a renovação das concessões de rádio e TV. Esse Conselho teve sua regulamentação em 2012 e o seu primeiro presidente foi justamente o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta. A nomeação coube ao então presidente do Senado, o senador José Sarney (PMDB-AP). O mesmo Sarney que no cargo de presidente da República, em 1986, instituiu a inscrição "Deus seja louvado" na cédula do real, medida questionada inúmeras vezes junto ao Superior Tribunal Federal por ser considerada inconstitucional ao contrariar o princípio da laicidade do Estado brasileiro. O questionamento ainda não foi aceito pelo STF – como era de se esperar – visto que esse STF ostenta um despropositado crucifixo na parede do plenário, como se fosse aceitável uma repartição pública privilegiar uma religião em detrimento às demais formas de pensamento em relação à crença e não-crença em divindades.

Os líderes religiosos sabem a força que a televisão aberta ainda mantém no Brasil. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, divulgada pela SECOM (Secretaria de Comunicação do Governo Federal), 89% dos brasileiros assistem à TV para se informar. E 73% dos entrevistados mencionaram ver o mesmo canal, pela ordem, 36% Globo, 32% SBT, 11% Record e Band. É um terreno fértil para o marketing religioso. Por isto, ao longo dos anos a espetacularização da fé caminhou de mãos dadas com a TV. Aos ateus, foi destinado impiedoso ostracismo. Pior ainda:

nas raras vezes citados, as manifestações ocorreram de forma pejorativa – e indiscutivelmente criminosa – como em três recentes ocasiões, em três emissoras distintas.

Em 2010, o apresentador José Luiz Datena (Band) relacionou ateus a práticas de crimes, durante o programa "Brasil Urgente", usando frases como “um sujeito que é ateu não tem limites e é por isso que a gente vê esses crimes aí”. Datena e a Band acabaram processados. Em 2016, o pastor João Batista, da Igreja da Graça de Deus, utilizou horário arrendado na Rede TV para atacar os ateus. "Quem não acredita em Deus pode ir para bem longe de mim, porque a pessoa chega para esse lado, a pessoa que não acredita em Deus, ela é perigosa. Ela mata, rouba e destrói. O ser humano que não acredita em Deus atrapalha qualquer um", disse o pastor. O religioso e a Rede TV também foram processados. Em 2018, foi a vez da apresentadora Patrícia Abravanel dizer que os ateus são "miseráveis" durante o programa Sílvio Santos (SBT). No quadro "Jogo dos Pontinhos", Sílvio Santos questionou os participantes se eles eram “*contra ou a favor das pessoas que não acreditam em Deus*”, sendo que todos os participantes se disseram contrários aos ateus, fazendo diversas afirmações preconceituosas e difamatórias. Acionado pela ATEA, o SBT se recusou a dar direito de resposta aos ateus.

Os meios de comunicação difundem discursos responsáveis por reforçar a representação de grupos sociais, dentre eles os ateus, observa Laranja, Juliana (2015). Em sua monografia "As representações sociais do ateu na TV brasileira: uma análise de discurso de programas da TV aberta" (UNB - Universidade de Brasília), ela foi além dos programas jornalísticos e enveredou pela dramaturgia. Além do Datena, já citado, o trabalho identificou os minúsculos segundos destinados ao ateísmo nas novelas Sangue Bom e Babilônia, ambas da Rede Globo.

Em Sangue Bom (2013), num exíguo diálogo, a personagem Malu, mesmo cristã, diz que não é necessário crer em um deus para ter valores, bons princípios e bom caráter, em contraposição à mãe, Bárbara, que afirmara antes: "quem é temente a Deus é bom". Na novela Babilônia (2015), o personagem Rafael – que namora Laís - é expulso aos berros da casa dos sogros (Aderbal e Consuelo), quando esses descobrem a sua descrença. As falas exibidas em 06/04/2015 dão o tom do sentimento geral em relação ao ateu:

Aderbal: (aos gritos) Ponha-se daqui pra fora! Você não é digno da minha filha, nunca mais ponha os pés aqui, não procure mais a Laís, nunca mais!

Consuelo: Ateu! Um ateu, como é que pode?!

Dessa forma, argumenta a autora (2015, p. 21), "o ateísmo tem suas representações reforçadas pelo preconceito, como foi visto nos discursos analisados, sendo a falta de moral ainda uma das características mais ressaltadas de um ateu". Ainda assim, por pressão de grupos cristãos, o autor Ricardo Linhares acabou fazendo mudanças no roteiro trocando ateu por "sem religião". Nessa toada, reforça Mezdari, Fernando (2000, p. 8), "o ateu na configuração brasileira eminentemente religiosa é visto como o estranho que tanto se defronta como afronta os outros". O título do artigo dele é emblemático: "Um estranho entre nós - perspectivas teóricas para um estudo sociológico do ateísmo na sociedade brasileira".

Esses exemplos de discriminação e invisibilidade dos ateus na televisão brasileira não ocorrem por acaso e, sim, de acordo com uma estratégia deliberada para excluir os descrentes da esfera televisiva. Ser invisível denota o signo de humilhação, sintetiza Honneth, Axel (1992). Em sua obra "Luta por Reconhecimento", o autor considera o reconhecimento como um meio de conceder identidade ao indivíduo, atribuindo à identidade o sentido de liberdade individual. Honneth pontua que o reconhecimento na esfera jurídico-moral ocorre nas relações de direito e autorrespeito. Enquanto na esfera da estima social se expressa nas relações de solidariedade. A negação a esse reconhecimento, segundo o filósofo, resulta na violação, privação de direitos e na degradação.

Raciocínio semelhante oferece Tomás, Júlia Sá (2008), autora de "A invisibilidade social, uma perspectiva fenomenológica", para quem o desprezo social e o não-reconhecimento dão origem ao sentimento de invisibilidade. "Ser invisível tende a significar ser inexistente ou insignificante (2008, p. 3)", resume. Nas palavras da autora, "os invisíveis são criados pela percepção coletiva, que não só os cria, mas também os transforma e os revela acompanhando os preconceitos. Muitos sentimentos estão ligados ao sentimento central de ser invisível para os outros: a vergonha, a paranoia, a impressão de insucesso pessoal, o isolamento e a clandestinidade (2008, p. 3)".

Convivendo com o preconceito e ódio dos brasileiros, sem direito à ação comunicativa para se mostrarem na mídia de maior alcance nacional, no caso a TV, os ateus tornaram-se os párias da sociedade aos olhos da população em geral. Grande parte dessa discriminação certamente ocorre por desconhecimento de camadas da população sobre o que é ser ateu. Levantamento nacional da Fundação

Perseu Abramo (2008), ainda num mundo pré-redes sociais, apontou que 42% da população tinham repulsa, ódio e antipatia pelos ateus. Nesse levantamento, os ateus aparecem em primeiro lugar no grau de aversão ou intolerância a grupos de pessoas. São mais desprezados que os usuários de drogas (segundo colocado), garotos de programas, prostitutas, gays, ex-presidiários, ciganos, judeus e muçulmanos. Segundo essa pesquisa, o número de brasileiros que não acreditam em deus ou deuses atingia o percentual de 2% da população.

Mais de uma década desde essa pesquisa, a minoria ateuista busca reagir contra esse quadro de intolerância transformando a internet na trincheira da resistência, onde proliferam dezenas de páginas e grupos de ateus, enquanto são alijados da esfera pública televisiva. Segundo levantamento de Lopes, Fernanda (2014, p. 5 e 25), só a ATEA fazia 270 postagens por semana no Facebook, em agosto de 2013, o que daria mais de 1 mil *posts* por mês. Um dos argumentos da retórica presente na página da ATEA, na análise da autora, "é a promessa de felicidade, de bem-estar, de sentimento de completude sem a necessidade de alguma divindade ou religião".

Giacomini-Filho, Gino; Martin, Sérgio (2015, p.15) concluem que a alternativa da minoria ateuista se manifestar tem sido *websites* e redes sociais que oferecem possibilidades massivas menores, "pois a responsabilidade social da mídia, que seria o de conceder espaços a diferentes públicos e minorias para as suas manifestações, parece não estar ocorrendo no caso dos ateus". Em *A Berlin Republic*, Habermas, Jüger (1997) pondera que o acesso à esfera pública é um pressuposto para lutas por reconhecimento, ou seja, uma condição fática que viabiliza a igual oportunidade de exercício formal dos direitos. Porém, reconhece que o acesso à esfera pública para as minorias encontra-se inviabilizado pelas classes dominantes. É o que ocorre com a TV, aliada do sistema econômico-político-religioso, que atua enquanto pode para frear ou retardar ao máximo o inevitável - o crescimento do número de ateus no Brasil.

As pesquisas indicam essa tendência: segundo o levantamento do "Projeto 18/34 - As ideias e aspirações da Geração Y sobre conceito de família", da PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015), na Geração Y, jovens de 18 a 34 nascidos após 1980 e até 1995, o número de ateus já atinge 19,3%. Índice apenas suplantado pelo de católicos (34,3%) e superior ao de evangélicos (14,9%). Não há ainda pesquisas no Brasil sobre a Geração Z ou iGeneration (nascidos durante o advento da internet, após o final da década de 1990), mas um levantamento nos

EUA, em 2018, serve de indicativo e aponta que a velocidade da adesão dos jovens ao ateísmo é mais rápida do que se supunha imaginar. O fenômeno estaria ligado à disseminação das redes sociais, que permitem a livre expressão dos ateus. Segundo esse estudo da *Barna Group*, a porcentagem de adolescentes que se identificam como ateus é o dobro da população geral (13% contra 6% de todos os adultos).

As recentes pesquisas têm incomodado a cúpula da Igreja Católica e foi tema de discussão, em 2016, na 54a. Assembleia-Geral da CNBB, em Itaiçara, o que foi retratado pelo jornal O Estado de S. Paulo. Em 09/04/2016, o veículo exibiu a manchete: "Aumento do número de ateus já preocupa a Igreja católica" (estadao.com.br). Estranhamente, bispos e editores inflaram o número de ateus no Brasil, porque se valeram de pesquisa sobre o número de pessoas sem religião (8% da população). Uma pessoa sem religião, necessariamente, não pode ser classificada como atea, pois há quem não professa religião, mas mantém a sua conexão direta com o que acredita ser o seu deus. Ateísmo é a ausência de crença em divindades, seja Javé (deus judaico), Alá (deus do Islã), Jeová (deus cristão) ou qualquer um dos milhares de deuses presentes na história da humanidade. Afinal, ateu resulta da soma do prefixo grego "a" (que significa negação) com o sufixo "theos" (deus), ou seja, "sem deus".

Caso fosse verdadeira a manchete do Estadão, seriam 16 milhões o número de ateus no Brasil, o que tornaria ainda mais gritante a invisibilidade na televisão desse enorme contingente populacional. De qualquer forma, nem mesmo a Assembleia-Geral da CNBB, ao discutir o ateísmo no Brasil, conseguiu o milagre de levar os ateus da mídia impressa para a mídia televisiva. Eivada de ilações vinculando ateísmo a interesse financeiro, como se dinheiro fosse algo desprezado pela Igreja, a reportagem escondeu de maneira sub-reptícia a real resposta da pergunta levantada pelo título: "Por que o aumento do número de ateus preocupa a Igreja católica?" Enfaticamente, a pergunta se pretende mais ampla: Por que o aumento do número de ateus preocupa o sistema econômico-político-religioso?

O poderio econômico da Igreja, desde a descoberta do Brasil em 1.500, nunca esteve em risco, nem quando o Estado passou de confessional a laico, com a Proclamação da República, em 1889. Ao longo da história, a Igreja – e mais recentemente as igrejas – sempre se valeu de privilégios tributários e de acordos – alguns espúrios - para ampliar o faturamento financeiro. Um dos mais recentes e impactantes, em favor da Igreja, foi a concordata assinada pelo governo brasileiro com

o Vaticano, no segundo mandato do presidente Lula, que transformou o Brasil em Estado concordatário, ampliando o leque de benesses para a religião. Assim, de confessional a laico, e de laico a concordatário, o Estado sempre financiou vantagens para as igrejas, às custas dos impostos de todos os brasileiros, inclusive os pagos pelos ateus. Dessa forma, milhões de ateus brasileiros são obrigados, compulsoriamente, a financiar um Estado que cede concessões públicas de TV a terceiros, concessões essas que são utilizadas para a anulação do ateu como indivíduo social.

O crescimento do número de descrentes implica em várias ameaças para o sistema, notadamente as econômicas. A perda de almas, para usar o jargão utilizado no marketing religioso, na realidade significa menos consumidores, redução de mercado e diminuição do poder político. O impacto mais poderoso do crescimento do ateísmo poderia acontecer nas finanças das igrejas, que sempre navegaram em mares nunca turbulentos em termos de dinheiro. Segundo dados da Receita Federal, as igrejas arrecadaram R\$ 24,2 bilhões em 2013. Esses números se corrigidos sugerem uma arrecadação, atualmente, da ordem de R\$ 32 bilhões (folha.com.br). Existiria razão mais contundente do que essa para o sistema manter os ateus no limbo televisivo?

Ao esconder do grande público, isto é, da massa telespectadora, que ateus são pessoas como quaisquer outras, recusando-se a contribuir para reduzir o preconceito e a discriminação - ou seja, cumprindo a sua função social estabelecida nas leis de radiodifusão – a TV contraria o que determina a Constituição ao privilegiar os interesses do sistema religioso. E o faz à custa do sentimento de milhões de brasileiros, cujo direito à consciência é assegurado pela Carta Magna, princípio esse considerado fundamental pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A TV evita expor os ateus porque, dialeticamente, essa visibilidade pode ensejar crescimento do contingente, que mais numeroso se tornaria ainda mais visível e, assim, sucessivamente. Um *motu continuum* que assombra os dogmáticos. Essa dinâmica certamente desagrade o sistema porque resulta em crescente perda de mercado. O aumento de 1% no número de ateus significaria 2 milhões a menos de consumidores de produtos religiosos. Dez por cento a mais de ateus resultaria na redução drástica do mercado religioso em 20 milhões de pessoas. Seriam 20 milhões a menos de consumidores de bíblias, *souvenirs* e, principalmente, de crentes dispostos a injetar dízimos nos cofres das instituições que exploram o comércio da fé.

Vinte milhões de pessoas equivalem à soma de toda a população de três países vizinhos: Bolívia, Paraguai e Uruguai.

Além do aspecto econômico, o aumento do número de ateus traria reflexos igualmente danosos aos coronéis da política brasileira. Desde o período colonial, os "currais eleitorais" sempre foram uma característica da política nacional, principalmente nas regiões mais pobres. A voz de um coronel era capaz de determinar o destino eleitoral de toda uma comunidade, até de um município ou região, comandando "discricionariamente um lote considerável de votos de cabresto", no retrato de Leal, Victor N. (1997, p. 25), no livro "Coronelismo, Enxada e Voto". Mas como alerta o teólogo Malvezzi, Roberto (2019, p. 5 do blog) no texto "Currais Eclesiais", novos currais eleitorais passaram a ditar a vida de milhões de brasileiros atualmente: "São massas humanas dominadas por chantagens religiosas para votarem em candidatos pré-determinados". As igrejas transformaram-se em palanques e pastores e padres ampliaram sua participação na política. Ficou cada vez mais difícil distinguir igreja de comitê partidário. Ou a diferenciar pastor ou padre de cabo eleitoral. Assim, da mesma forma que o aumento de 1% no número de ateus tiraria 2 milhões de consumidores do mercado religioso, esse avanço resultaria igualmente em dois milhões a menos de eleitores aprisionados nos currais eleitorais religiosos. Dez por cento a mais de ateus seriam 20 milhões de eleitores livres dos grilhões dos coronéis da fé. Seria um abalo extraordinário nessa estrutura perniciosa.

A TV aberta brasileira não só esconde os ateus ou a possibilidade de um indivíduo ser feliz e se realizar sem a necessidade de ter uma crença religiosa. É uma fomentadora do mercado religioso, extrapola todos os limites da razoabilidade quando se trata de propagandear doutrinas religiosas, atua de maneira maniqueísta - nos casos principalmente da TV Aparecida, Record, Canção Nova e Rede Vida -, tudo em proveito próprio, seja visando o comércio de objetos e a arrecadação de dízimo, seja fortalecendo os interesses políticos de indivíduos ou grupos religiosos vinculados às emissoras. Tudo é motivo para a overdose religiosa televisiva e esse exagero parece ter um objetivo bem definido. Sufocar o divergente pelo excesso, privar o não-crente de voz, transformar o descrente em estranho, invisível e insignificante. A massificação religiosa na TV tem o objetivo - além de explorar a boa-fé dos brasileiros humildes - de anular o discordante do sistema econômico-político-religioso.

O que está em curso é a estratégia do enfraquecimento, do esfacelamento, da diminuição, do apequenar-se ao extremo, com um grau de requinte e intensidade que

se assemelham a práticas de aniquilamento. É isso que se dá na esfera televisiva constituída pelas concessões públicas de televisão. Com a conivência, inclusive, de políticos que se autodenominam progressistas, mas que utilizam o mesmo *modus operandi* dos políticos tradicionais na caça de ovelhas votantes. No sistema televisivo não há espaço para o pensamento cético, porque o mecanismo religioso de venda precisa seguir a todo vapor. Seja de um frasco de água benta, de um CD gospel ou de um político embalado com preceitos religiosos. Esses produtos precisam de consumidores estimulados cotidianamente com a intensa, ruidosa, efusiva e barulhenta ação do mais poderoso veículo de massa no Brasil, a TV aberta.

Aos ateus, o silêncio.

(*) As referências utilizadas neste ensaio estão no ANEXO II

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa em nível exploratório e delineamento de pesquisa de campo. A metodologia envolve revisão bibliográfica sobre o tema investigado e entrevistas.

3.2 Amostra e sujeitos da pesquisa

Foram selecionados para entrevistas ateus e ateias brasileiros que se dispuseram de livre e espontânea vontade a oferecer os seus relatos, atendendo a um convite veiculado nas redes sociais Facebook e Instagram. Como não se tem conhecimento de nenhuma base de dados com a estratificação do perfil dos descrentes no Brasil, por exemplo, percentual de homens ou mulheres, quais as faixas de idades eles, nível de escolaridade etc., a amostra se formou a partir da espontaneidade aleatória dos entrevistados, unicamente através das redes sociais.

Ao final, a amostra de 14 entrevistados acabou se compondo majoritariamente de 11 homens, contra um total de 3 mulheres. O número final resultou da apresentação espontânea até o final do período de engajamento orgânico dos *posts* e da conclusão da campanha de patrocínio do referido *post* nas redes sociais, quando se pretendeu dar maior abrangência à publicação e ampliar o número de participantes. Quanto à idade (Tabela 1), o perfil é diversificado, com representantes em todas as faixas de idade dos 18 anos aos 65+ anos, que representam as regiões brasileiras do Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. O Norte não foi representado (Tabela 2). O único possível entrevistado do Norte que se apresentou, quando informado do teor do trabalho, não retornou mais ao contato. O Sudeste tem maior número de representantes (7), seguido do Nordeste (4), Sul (2), Centro-Oeste (1), com o Norte não pontuando.

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados / Por idade

Tabela 1: Perfil dos entrevistados POR IDADE	
18 a 24 anos:	3
25 a 34 anos:	5
35 a 44 anos:	3
45 a 54 anos:	1
55 a 64 anos:	1
65+:	1
TOTAL	14

Fonte: Autor

Predominam na amostra ateus e ateias nas faixas de idades de 18 a 44 anos, com um total de 11 pessoas, sendo que o intervalo de 25 a 34 anos se destaca com 5 entrevistados, ficando o grupo de 18 a 24 anos e de 35 a 44 anos com 3 participantes, igualmente. As faixas de 45 a 54 anos, de 55 a 64 anos e de 65 anos em diante aparecem com 1 entrevistado cada uma delas. Os homens formam maioria em relação às mulheres. Esses blocos de faixa etária seguem os padrões definidos pelo Facebook, que é também proprietário do Instagram, para impulsionamento de *posts*, ferramenta que foi utilizada para arregimentar os entrevistados para este trabalho.

Tabela 2 – Perfil dos entrevistados por região de origem

Tabela 2 - Perfil dos entrevistados	
POR REGIÃO DE ORIGEM	
Sul	2
Sudeste	7
Nordeste	4
Centro-Oeste	1
Norte	0
TOTAL	14

Fonte: Autor

Em relação ao grau de instrução, aqueles que têm ensino Superior Completo formam a maioria, com 7 integrantes, vindo a seguir aqueles com ensino Superior Incompleto e com Ensino Médio, cada bloco deste com 3 participantes. Nenhum dos componentes da amostra tem apenas o Ensino Fundamental (Tabela 3).

Tabela 3 - Perfil dos entrevistados por grau de instrução

Tabela 3 - Perfil dos entrevistados	
POR GRAU DE INSTRUÇÃO	
Ensino fundamental	0
Ensino Médio	3
Ensino Superior incompleto	3
Ensino Superior completo	7
Pós-Graduação	1
TOTAL	14

Fonte: Autor

Tabela 4 - Perfil dos entrevistados por sexo

Tabela 4 - Perfil dos entrevistados	
POR SEXO	
Homens	11
Mulheres	03
TOTAL	14

Fonte: Autor

Por fim, os entrevistados relataram em que idade se tornaram ateus ou ateias, formando a seguinte composição: a maioria deles citaram até os 18 anos (8 entrevistados), entre 18 e 24 anos (1), dos 25 anos 34 anos (5), entre 35 e 44 anos (0), grupo de 45 a 54 anos (0), dos 55 aos 64 anos (0) e, por último, mais de 65 anos (0).

Para facilitar esta apresentação, os participantes do projeto foram identificados como Entrevistado 1, Entrevistado 2 e, assim, sucessivamente. A relação completa com os nomes de todos eles e as identificações correspondentes, incluindo as cidades de origem, estão a seguir (Figuras 1 e 2):

Figura 1 - Relação nominal dos entrevistados (1 a 7)

Relação nominal dos entrevistados (1 a 7)
Entrevistado 1: Enimar Araújo (Acarau - CE)
Entrevistado 2: Ofélia Gonçalves Borba (Assis -SP)
Entrevistado 3: Marlon Rocha (São Paulo -SP)
Entrevistado 4: Glória Amâncio da Silva (Águas Claras - DF)
Entrevistado 5: Francisco Vinícius Esteves de Oliveira (Santo André - SP)
Entrevistado 6 : Wellington Hilário Rodrigues (Recife-PE)
Entrevistado 7: Harrison Correia dos Reis (Duque de Caxias - RJ)

Fonte: Autor

Figura 2 - Relação nominal dos entrevistados (8 a 14)

Relação nominal dos entrevistados (8 a 14)
Entrevistado 8: Marciel Dantas da Silva (Santana do Mundau - AL)
Entrevistado 9: Rafael Machado Justi (Curitiba -PR)
Entrevistado 10: Renato Oliveira Braga (Mauá - SP) *
Entrevistado 11: Guilherme Natividade (Porto Alegre - RS)
Entrevistado 12: Thairo Batista (Franca - SP)
Entrevistado 13 : Enoque da Silva Pinheiro (Quixeramobim -CE)
Entrevistado 14: Adriana Zaluski (Taboão da Serra - SP)
(*) O entrevistado Renato Oliveira Braga atualmente está na Espanha, mas os episódios que relatou ocorreram em Mauá (SP), onde morava.

Fonte: Autor

3.3 Instrumento de pesquisa

Trata-se de entrevista por pautas, com um entrevistado por vez, sem interação com os demais participantes, com um roteiro pré-definido, porém, com a sequência da conversa sendo delineada de acordo com as respostas do entrevistado, mas sem fugir à ideia central do assunto abordado. Segundo Gil (2008, p. 112), as entrevistas por pautas apresentam certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso.

Assim, orienta o professor e pesquisador:

As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que se refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo. As entrevistas por pautas são recomendadas sobretudo nas situações em que os respondentes não se sintam à vontade para responder a indagações formuladas com maior rigidez. Esta preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada pelas atitudes culturais dos respondentes ou pela própria natureza do tema investigado ou por outras razões (GIL, 2008, p. 112).

Essa flexibilidade se mostrou imprescindível para o desenvolvimento das entrevistas, em virtude de a questão abordada remeter a particulares da vida pessoal dos participantes, resultando em envolvimento emocional.

3.4 Procedimento de coleta de dados

Em se tratando objetivamente de descrever como os ateus se sentem em relação ao preconceito e discriminação que sofrem no Brasil, definiu-se inicialmente a estratégia para localizar e agendar entrevistas com esse público. Como é notório, os ateus formam uma minoria invisível e não existem clubes, centros culturais, institutos ou outros locais que reúnam essa população onde se pudessem encontrar os possíveis entrevistados. Optou-se então por localizá-los por intermédio das redes sociais, a partir das seguintes definições:

A) Elaboração de *post* com uma mensagem clara o suficiente para atrair unicamente ateus e ateias que já sofreram discriminação. O *post* escolhido (Figura 3) traz os seguintes dizeres: Entrevista com ateus e ateias. Você já foi discriminado por ser ateu? Quer contar a sua história? Deixe seu nome nos comentários ou no WhatsApp (11) 98544-5257.

Figura 3 - Post entrevista com ateus e ateias



Fonte: Autor

B) O *post* estimulou os possíveis entrevistados a uma ação de contato, ou seja, eles livre e espontaneamente deveriam se apresentar para oferecer o relato;

C) Um dos objetivos dessa espontaneidade é contemplar o trabalho com relatos de pessoas dispostas a se mostrarem. Evitando-se o anonimato, a proposta de intervenção pode adquirir mais credibilidade e reforçar o propósito deste projeto de dar voz aos que não têm voz. De certa forma, a identificação desses casos reais confere mais dramaticidade ao texto, pode vir a fomentar o debate acerca do tema e, por conseguinte, gerar maior interesse e curiosidade para o produto oriundo da pesquisa;

D) Após receber o contato espontâneo dos ateus e ateias, coube ao pesquisador fazer uma breve triagem para identificar se as histórias teriam o potencial para se constituírem em amostras significativas do tema ora abordado. Levou-se em consideração que o pesquisador tem a capacidade desse discernimento por fazer parte da minoria ateuísta e atuar em consonância com a defesa dos direitos dos ateus, como explicitado no tópico Origem do Estudo;

E) Inicialmente, de forma orgânica, a publicação do *post* foi destinada aos grupos de ateus no Facebook assim intitulados: Humor Ateu; Os Ateus e Agnósticos; Ateísmo vs Teísmo: Evangelize-me Se For Capaz; Ateus, Agnósticos e Afins; Ateu Critério; Ateus Assumidos; Ateísmo: Por um Mundo Melhor; Ateísmo x Religião x Paganismo x Agnosticismo; Ateus – grupo público; Os Ateus e Agnósticos; Os Ateus e Agnósticos Sociedade Ateísta; Ateísmo Consciente; ATEA; Sou Ateu Brasil; Somente Ateus e Agnósticos; Ateu - Sem censura; Ateu Brasil.

Esses grupos selecionados contam com no mínimo 3.000 membros, número considerado razoável para disseminar a mensagem, pois segundo estudos de especialistas do setor, a distribuição orgânica de *posts* pelo Facebook pode estar atingindo apenas 2% dos seguidores das páginas. Espontaneamente, alguns grupos menores, como o História do Ateísmo, acabaram replicando o *post*. Os dados sobre alcance orgânico das redes sociais estão no texto de Caro Samsing no blog da HubSpot, uma conceituada plataforma americana que oferece soluções para marketing digital, que traz estudos apontando o declínio desde 2012 no alcance dos *posts* orgânicos, ou seja, aqueles distribuídos pelo Facebook de forma gratuita e que esse declínio se intensificou a partir de 2016. Também, o portal Tudo Celular (2019) traz matéria em que usuários reclamam que o Facebook e Instagram reduzem alcance de *posts* para promover anúncios, o que torna improdutiva a publicação em páginas de grupos com baixo número de membros. Coincidência ou não, acabou sendo pífio o *feedback* dos grupos, sendo que a maioria deles não liberou a publicação, seja

porque não consideraram a publicação compatível com as regras do grupo ou devido à inatividade do grupo.

F) Além da publicação nos grupos de ateus do Facebook acima citados, o mesmo *post* foi replicado na página do autor deste estudo no Facebook e também do Instagram. Este autor possui página verificada no Facebook (selo azul), com cerca de 28 mil seguidores, no endereço facebook.com/edmarluzoficial. O selo de página verificada é destinado pelo Facebook somente às páginas consideradas notáveis para qualificação e que preencham os seguintes requisitos definidos pela empresa: i) Links de artigos e notícias que possam confirmar que o usuário da página é fonte notável; ii) Nomes e palavras-chaves adicionais para pesquisar a conta. No caso as palavras-chaves fornecidas pelo autor foram: candidato ateu, discriminação contra ateus e ateus na política. Já a página no Instagram conta com menos de 1 mil seguidores e encontra-se no endereço instagram.com/edmarluzsp.

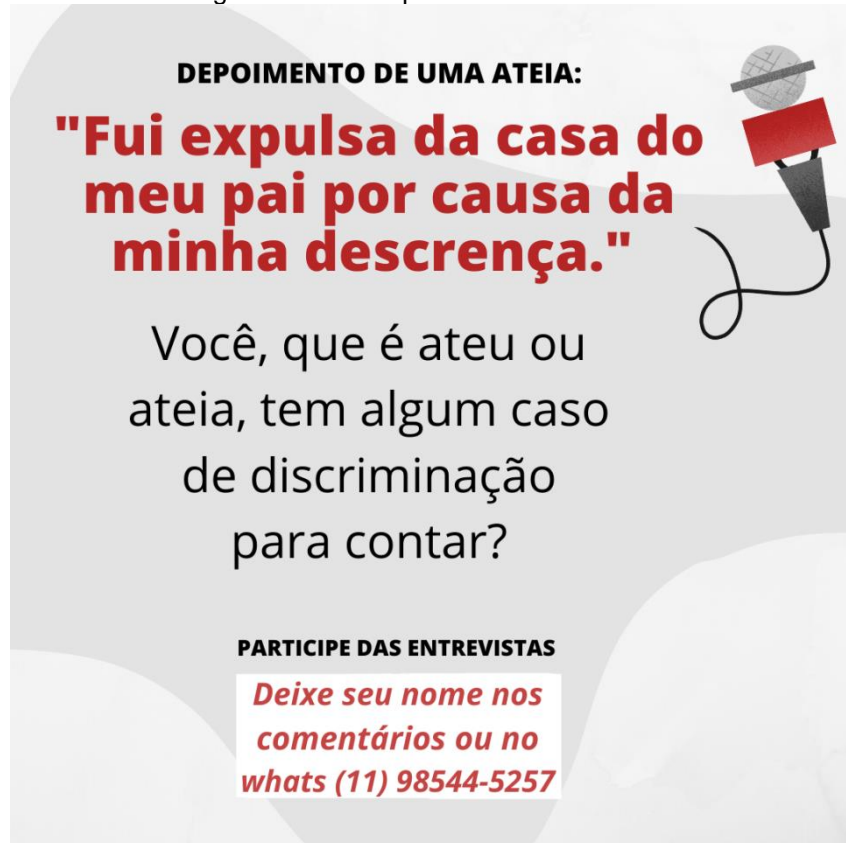
G) Após passadas 48 horas da publicação, dobro do tempo de vida útil para engajamento orgânico no Facebook e Instagram, o referido *post* foi então patrocinado e direcionado ao seguinte público: homens e mulheres, entre 18 e 65+, em todo o Brasil, com interesse no tema ateísmo, unicamente. Segundo especialistas em durabilidade dos *posts*, em média, o tempo máximo para repercussão de uma publicação depois de postada é de até 24 horas, sendo que muitas delas nem chegam à metade desse prazo de validade, apesar de elas estarem armazenadas e poderem ser acessadas por qualquer pessoa a qualquer hora do dia e da noite, como explica o blog da Trixe (2020). Em função disso, foi estabelecido o prazo de 48 horas para o início do impulsionamento, por se concluir que a repercussão orgânica estaria findada 24 horas antes.

H) A verba total para as campanhas de impulsionamentos foi da ordem de R\$ 200,00, montante considerado razoável em função da meta de se obter entre 10 e 20 depoimentos emblemáticos para o estudo, ou seja, cada entrevistado arregimentado teve um custo com impulsionamento da ordem de R\$ 14,28.

I) Esgotada a verba com os impulsionamentos, cada ideia central de discriminação identificada nas sete entrevistas iniciais (metade da amostra que se começou a desenhar) foi transformada em um novo *post* com apelo emocional e publicado unicamente nas páginas do pesquisador tanto no Facebook e Instagram, pois elas geraram o interesse inicial dos possíveis entrevistados, com maior destaque para a do Instagram. Os grupos de ateus no Facebook apresentaram resultados

inexpressivos no engajamento orgânico. Com essas publicações subsequentes, surgiram novos candidatos a dar entrevistas, além daqueles já conquistados com o primeiro post orgânico e impulsionamento posterior, como exemplificado abaixo (Figura 4):

Figura 4 - Post depoimento de uma ateia



Fonte: Autor

J) A amostra resultante desse processo de captação de entrevistados revelou-se heterogênea e capaz de representar um extrato razoável da minoria ateuísta, sendo utilizados os seguintes parâmetros no momento do impulsionamento dos posts: i) Idade: de 18 anos a 65+ anos, intervalos das faixas de classificação etária de público permitido pelo Facebook, sendo vetado impulsionar posts para menores de 18 anos; ii) Sexo: direcionamento para homens e mulheres; iii) Abrangência: o impulsionamento de posts, assim como as publicações orgânicas, ocorreu para todo o Brasil; iv) Interesse: o chamamento foi destinado unicamente a internautas que informaram à rede social que ateísmo é um tema de seu interesse. A guia "Interesse", portanto, teve caráter monotemático, apesar de que o Facebook e Instagram permitem escolher até 10 interesses na hora da programação, como por exemplo: ateísmo + religião +

agnosticismo etc. Utilizou-se um único tema para facilitar o processo de triagem dos entrevistados e evitar desperdício de recursos com a pulverização do post (Figuras 5).

Figura 5 - Resposta ao *post* de acordo com a faixa etária

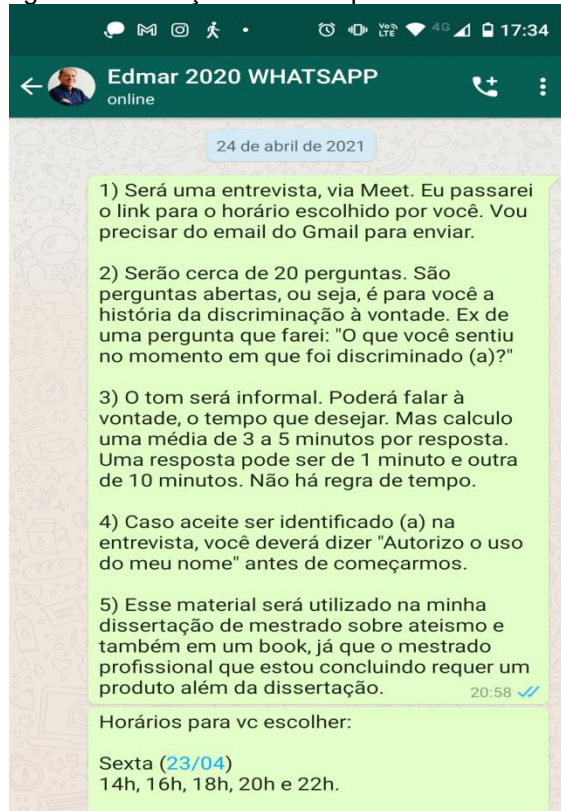


Fonte: Reprodução de painel da Central de Anúncios do Facebook

K) O processo de triagem dos entrevistados foi simplificado e levou em consideração a vivência do pesquisador no segmento e consistiu em solicitar ao potencial entrevistado que relatasse resumidamente em uma mensagem no Direct do Instagram, no Messenger do Facebook ou pelo WhatsApp, sobre o tipo de discriminação da qual foi vítima.

L) Os entrevistados definidos para o projeto passaram os números de WhatsApp, através dos quais receberam do pesquisador mais detalhes sobre o objetivo das entrevistas e instruções de como a entrevista ocorreria, como tempo estimado de duração, que as perguntas seriam abertas e que deveria autorizar o uso do seu depoimento para fins acadêmicos e literários. Além disso, receberam pelo WhatsApp o *link* do Meet, plataforma na qual todo o trabalho ocorreu (Figura 6).

Figura 6 - Instruções básicas para o entrevistado



Fonte: Reprodução de tela do WhatsApp

M) Cada entrevista foi agendada previamente e, no momento em que ocorreu, o entrevistado inicialmente informou o nome completo, grau de escolaridade, profissão, idade e cidade onde mora. Por fim, todos foram instados a confirmar a autorização para uso dos depoimentos para fins acadêmicos e literários. Cumprida essa parte formal, foram informados de que se tratava de uma entrevista por pauta com perguntas abertas e que poderiam ser questionados à exaustão pelo pesquisador, pois os mínimos detalhes seriam relevantes para a utilização na proposta de intervenção, no caso, o livro.

As entrevistas, em média, atingiram a marca de duas horas de duração, algumas delas chegando a quase três horas e seguiram um roteiro básico, como se prevê em uma entrevista em profundidade. O *script* incluiu a apresentação de perguntas-chaves que eram esmiuçadas pelo entrevistador com perguntas adicionais, no intuito de propiciar um clima em que o entrevistado pudesse se sentir confortável em relatar eventos pessoais, alguns até de natureza íntima.

A tarefa se revelou complexa e de difícil execução pois os conteúdos das entrevistas teriam dois aproveitamentos distintos. Ou seja, um de natureza concisa e objetiva para a dissertação e, o outro, com apelo extremo aos detalhes, nuances,

sensações e emoções, sem os quais seria inviável elaborar o produto (livro) com um retrato humano das angústias, dores e sentimentos dos ateus e ateias vítimas de preconceito e discriminação. Exemplificando: A pergunta-chave "qual a palavra que resume a discriminação que sofreu?" foi respondida como "desrespeito" e este termo resume a ideia para o texto dissertativo. Contudo, não é o suficiente para a proposta de intervenção como planejado que faz apelo às emoções. No livro, o desrespeito vem à tona envolto em choro, silêncio, olhar triste, abatimento, constrangimento e outras sensações só possíveis com o requinte de detalhes obtidos pelo pesquisador após estimular o entrevistado a resgatar do seu íntimo experiências que causaram marcas profundas na sua vida.

Invariavelmente, esse exercício de extrair detalhes consumiu a maior parte das entrevistas e não ocorreu de maneira linear nem tampouco homogênea. Em alguns casos, perguntas apresentadas no início acabaram sendo retomadas momentos adiante, pois na primeira abordagem o entrevistado demonstrava introspecção, porém se abria com o passar do tempo. Isso se explica porque cada caso é único, a exigir uma abordagem específica em cada momento, de acordo com o desenrolar dos diálogos. Sem deixar de levar em consideração a personalidade de cada entrevistado, uns mais tranquilos e abertos a relatar os acontecimentos, enquanto outros se mostraram constrangidos, sensíveis e até mesmo revoltados com as lembranças. Soma-se a essas circunstâncias o ineditismo da experiência: nenhum dos entrevistados jamais tinha dado um depoimento com a duração e minúcias como esses os do presente trabalho.

3.5 Procedimentos para desenvolvimento da proposta de intervenção

Ao se adotar entrevistas por pautas sem limite de tempo para resposta, buscou-se à exaustão desenvolver uma conversa em profundidade para construir histórias acerca de ocorrências de discriminação contra ateus e ateias que tivessem um caráter emblemático e que fossem capazes de despertar a atenção e sensibilizar os leitores. Afinal, o preconceito e discriminação contra pessoas de uma determinada minoria é uma agressão que merece ser combatida. E no caso dos ateus essas agressões não são difundidas como deveriam e encontram-se no subterrâneo ou nas mentes das pessoas agredidas, que sofrem em silêncio devido ao agravante de que inexistem na

sociedade qualquer ato de solidariedade ou compreensão do problema, que é por demais desmerecido e invisibilizado pela mídia, especialmente a televisão. Esses episódios reúnem sentimentos experimentados pelos entrevistados em decorrência da discriminação que sofreram. Para um, o desrespeito caracteriza a discriminação, enquanto um outro aponta a ignorância, um terceiro fala da dor que sente com a opressão e, assim, sucessivamente. Cada capítulo com os relatos pretende, dessa forma, levar os leitores a compartilharem desses sentimentos sentindo o que as vítimas sentiram.

Dessa forma, foram separadas as respostas objetivas para as perguntas-chaves da dissertação e o restante do material transcrito para uma base da qual se construiria o texto final com os depoimentos. Essa construção se deu de forma livre, sem nenhuma linearidade na ordem de perguntas ou nenhum engessamento, tudo com o objetivo de que o produto (livro) pudesse oferecer uma linguagem jornalística capaz de entreter o leitor com um enredo atraente, mas sem desvencilhar, em nenhum momento, do caráter documental e do zelo pela veracidade das informações. Em suma, pretendeu-se dar ritmo e emotividade às narrativas, mas escudados em dados reais, sem nenhum desvirtuamento ou artifício fantasioso para apimentar os textos.

As narrativas compõem o ponto central do produto. Elas ocupam a maior parte das páginas e surgem após a introdução e um breve resumo de como foi realizado este trabalho. Após as narrativas, organizadas com a intenção de cada uma formar um capítulo com título de uma única palavra que remete à ideia mestre do depoimento e um subtítulo extraído das falas dos entrevistados, sempre na primeira pessoa, e de apelo emocional. Como se pode observar no exemplo do capítulo "Desrespeito" em que se escolheu para subtítulo a frase "Meus pais me intimidaram e humilharam. Tenho 28 anos e até hoje sofro com isso", que foi dita pelo entrevistado objeto do referido capítulo. Cada relato ocupa oito páginas A4, em média, atingindo um total de 112 páginas, ou seja, um volume bem maior que o da própria dissertação.

Em seguida às narrativas há o bloco reservado para a conclusão que remete à análise e discussão dos resultados e às considerações finais desta a dissertação. Por fim, reservou-se espaço para o Adendo, onde se apresentam o depoimento na primeira pessoa do próprio autor, que é declaradamente ateu e também enfrentou discriminação e o ensaio "Ateus, esses invisíveis na televisão brasileira", que está inserido no item Referencial Conceitual desta dissertação. As referências encerram a proposta de intervenção.

3.6 Procedimentos para análise dos resultados

Foram separadas das entrevistas as respostas às perguntas-chaves do roteiro estabelecido para as entrevistas em profundidade. Invariavelmente, cada entrevistado respondia às perguntas de uma maneira peculiar, contextualizando e elaborando digressões a todo momento, talvez pelo ineditismo do trabalho, o que os deixava curiosos e empolgados com os questionamentos. As perguntas-chaves escolhidas para a análise dos resultados foram as que puderam ser tratadas de maneira mais objetiva, deixando as respostas das demais circunscritas à utilização na proposta de intervenção que se pretende um produto com texto livre e apelo a elementos de uma narrativa calcada na emoção.

A primeira pergunta-chave separada diz respeito ao período em que o entrevistado se tornou ateu ou ateia. Com isso, montou-se um quadro facilmente identificável. A segunda pergunta-chave sobre os episódios de discriminação que os entrevistados sofreram, por contarem com excesso de elementos descritivos dessas ocorrências teve dois tratamentos: o primeiro, a contagem do número de episódios relatados, e o segundo, um extrato das principais ocorrências resumidas em uma frase. Os elementos excedentes tiveram aproveitamento na proposta de intervenção.

Em seguida, cinco outras perguntas-chaves do roteiro receberam o mesmo tratamento de resumo da ideia da resposta do entrevistado, reservando-se os detalhes e as circunstâncias para utilização no produto que acompanha que acompanha essa dissertação. Essas cinco perguntas-chaves são as seguintes:

- A. O que despertou o seu ateísmo?
- B. Que palavra sintetiza o episódio de discriminação mais marcante que sofreu na sua vida?
- C. Como ocorreram as discriminações?
- D. O que os ateus/ateias podem fazer para combater a discriminação?
- E. Há relação de apoio das demais minorias para com os ateus/ateias?

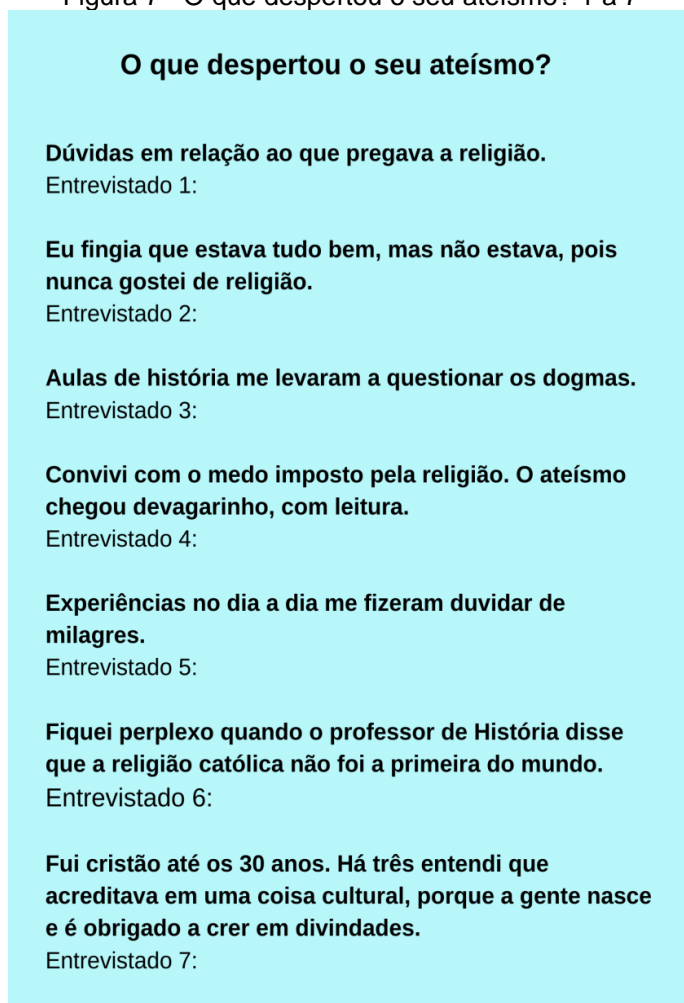
Os extratos com as respostas dão a dimensão objetiva do estudo. Essa exploração permite vislumbrar um pouco do sentimento dos ateus em relação à discriminação que sofrem no Brasil. Um volume expressivo de informações, entremeadas a essas perguntas, estão sendo usadas unicamente na proposta de intervenção. Em muitos casos, desprezou-se vários comentários, porque esses foram estimulados a ocorrer somente com o propósito de fornecer elementos adicionais

capazes de criar um clima propício para que o entrevistado pudesse se sentir confortável para se abrir e relatar com mais profundidade as ocorrências de discriminação que enfrentou. Ressalte-se que sentir-se confortável para se abrir é uma condição a ser obtida, levando-se em consideração a capacidade do pesquisador em transmitir confiança, empatia, sensibilidade e credibilidade à entrevista em curso.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os entrevistados, em sua maioria, apresentam um padrão de relato de como e quando se identificaram como ateus e ateias. Esse processo se deu a partir de dúvidas que lhes ocorreram na infância e adolescência sobre a existência ou não de Deus. Esses questionamentos começaram a tomar forma e a se consolidar no ensino médio, quando adquiriram conhecimento sobre religião, principalmente nas aulas de história e filosofia. Com exceção daqueles que trilharam caminhos por uma religião, especialmente a evangélica, antes de vir a se tornarem descrentes, os pesquisados foram movidos por um sentimento crítico à religiosidade na adolescência e se identificaram com o ateísmo, mesmo que alguns não expressassem publicamente a sua descrença por temerem represálias ou não tivessem ainda um entendimento claro da descrença (Figuras 7 e 8).

Figura 7 - O que despertou o seu ateísmo? 1 a 7



Fonte: Autor

Figura 8 - O que despertou o seu ateísmo? 8 a 14

O que despertou o seu ateísmo?

Comecei a estudar para esclarecer as minhas dúvidas. Começaram a me chamar de maluco.

Entrevistado 8:

Comecei a perguntar: Por que acreditar em Deus?

Entrevistado 9:

Estava cansado deste sincretismo religioso. Chegou uma hora e eu disse a mim mesmo: não acredito nisso! Esgotou.

Entrevistado 10:

Tive três experiências religiosas e só em 2015 descobri que era possível ser ateu. Conheci o ateísmo e me identifiquei.

Entrevistado 11:

Nunca gostei de ir à igreja e vinha acumulando descrença. Fiz reflexões e me identifiquei como ateu.

Entrevistado 12:

Sou filho de pastor e me esforcei ao máximo para entender a religião e não me afastar. Mas isso não foi possível.

Entrevistado 13:

Era questionadora desde criança e apaixonada por estudar o universo. A ciência me libertou.

Entrevistado 14:

Fonte: Autor

Assim, o ambiente escolar despertou as primeiras dúvidas e teve papel preponderante na definição desses brasileiros em "remar contra a corrente", ou seja, em se descolar da esmagadora maioria religiosa, formando um contingente de "rebeldes" que provocaram estranheza aos parentes e colegas quando se declararam ateus e ateias.

Como se observa no relato do Entrevistado 1:

Olha aquela coisa, olha aquela pessoa ali. Falavam assim de mim, como se eu estivesse cometendo um crime. Eu me tornava cada vez mais recluso, eu me sentia muito estranho, eu me sentia exposto, eu sentia uma agonia. Porque estava sendo criticado por algo que não é um problema, não é um defeito. Simplesmente era a minha opinião. Eu desviava do caminho, fazendo um trajeto mais longo, para não passar perto dos grupos de alunos porque sabia que iriam me perturbar com alguma coisa, com alguma piadinha (informação verbal)¹.

¹ ENTREVISTA 1. Entrevistado: Eurimar Araújo. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Afinal, o número dos que acreditam formam uma balança esmagadora, atingindo quase 84% da população, segundo a pesquisa da Ipsos (DA BBC, 2011) para a agência Reuters, sendo adeptos de várias religiões que defendem o monopólio divino da existência. No extremo oposto, os que não acreditam em deuses não passam de 2% da população, segundo as pesquisas publicadas sobre o tema nos anos de 2010 e 2016.

Com exceção de três casos, os demais entrevistados relataram que não conheceram nenhum outro descrente da própria idade no ambiente em que viviam, quando se declararam ateus. O que significa dizer que a definição pelo ateísmo trouxe consigo uma solidão no modo de pensar e, em alguns casos, gerou um isolamento social devido à falta de amigos ou conhecidos ateus com quem pudessem compartilhar as suas ideias. Esse isolamento provocou danos de diversas formas, como a expulsão de colégio, exclusão social, interferência em namoro, isolamento familiar e bullying. Relatos detalhados dessas experiências estão contidos nos capítulos da proposta de intervenção. Declarar-se ateu, portanto, significou o desafio de enfrentar a animosidade, a indiferença, o estranhamento e a oposição dos contemporâneos como os amigos, colegas e parentes.

Há de se destacar que entre aqueles que disseram ter se tornado ateu ou atea na faixa entre 25 e 34 anos, encontram-se dois homens que abraçaram o ateísmo aos 27 anos e outro aos 29 anos. Esses entrevistados têm algo em comum: forte influência familiar de uma corrente evangélica neopentecostal, no caso a Congregação Cristã do Entrevistado 10, e a Igreja Universal do Entrevistado 7.

Relato do Entrevistado 7, evangélico que se tornou ateu:

Fui da religião até os 29 anos de idade, fazia tudo o que a Bíblia pregava, mas me decepcionei porque percebi que orações não funcionam. Passei a ver a religião como se fosse um perfume. Você passa ali, fica cheiroso na hora, mas depois acaba o cheiro do perfume, tudo volta ao normal. É assim que acontece quando temos um problema e a gente procura solução na igreja (informação verbal)².

Esse pode ser um indicativo, ainda a ser confirmado por outros estudos, de que o abandono da religião tende a ser mais tardio quanto mais tradicional for o ambiente religioso em que o indivíduo se formou, levando-se em consideração o senso comum

² ENTREVISTA 7. Entrevistado: Harryson Correia dos Reis. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

de que tanto a Universal quanto a Congregação Cristã representam um neo pentecostalismo exacerbado (Tabela 5).

Tabela 5 - Em que idade se tornou ateu/ateia? Por faixa etária

Até 18 anos	8
Entre 18-24 anos	1
Entre 25-34 anos	5
Entre 35-44 anos	0
Entre 45-54 anos	0
Entre 55-64 anos	0
A partir dos 65 anos	0
TOTAL	14

Fonte: Autor

Os outros três entrevistados dessa faixa (Tabela 6) são justamente as três mulheres que participaram deste estudo e todas elas assumiram o ateísmo por volta dos 30 anos, apesar de igualmente virem questionando a religião desde a infância, acentuando um outro lado da dificuldade que as mulheres enfrentam para se expressar na sociedade brasileira. Nos relatos detalhados na proposta de intervenção, as três esmiúçam a maneira como as pessoas reagem quando a mulher se diz atea: "Você precisa ler a Bíblia", lembra a Entrevistada 4; "Mas isso é um pecado", conta a Entrevistada 2; "Você nem sabe que é isso (ateísmo)", destaca a Entrevistada 14.

Trecho do depoimento da Entrevistada 4:

Quando o homem fala de ateísmo as mulheres não levam muito a sério. Para elas, o homem fala qualquer coisa e depois esquece. Mas quando uma mulher começa a falar de ateísmo, há um choque, pois entendem que não é brincadeira, por isso tentam calar a sua voz. Acham a manifestação da mulher atea algo perigoso, então começa a intolerância na prática, as discriminações e os preconceitos (informação verbal)³.

³ ENTREVISTA 4. Entrevistada: Glória Amâncio da Silva. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Durante o processo de seleção, duas outras mulheres aparentando idade menor demonstraram interesse no projeto, mas depois de informadas dos detalhes da pesquisa não responderam mais aos contatos. Também aqui está um indicativo a merecer estudo mais acurado sobre como a opressão religiosa impede as mulheres de abraçarem e declararem o seu ateísmo em comparação aos homens.

Como é ser ateia, pela Entrevistada 14:

Todas as vezes que comecei a namorar com um homem era só chegar no assunto ateísmo e o olhar dele mudava. Nos lugares em que trabalhei já fui recomendada para ficar quieta sobre ser ateia. Até com amigos mais chegados era forçada a dizer:

– Olha, me respeite assim como eu te respeito. Pare de tentar me converter!

Já fui obrigada a falar isso para amigo umbandista, espírita e de outras religiões. A resistência contra os ateus e ateias está em todos os ambientes, não te dão paz em lugar nenhum, sempre querem te constranger (informação verbal)⁴.

Tabela 6 - Em qual idade se tornou ateu/ateia. Por sexo

Tabela 6: Em qual idade se tornou ateu/ateia? Por Sexo		
FAIXA ETÁRIA	HOMEM:	MULHER
Até 18 anos	8	0
Entre 18-24 anos	1	0
Entre 25-34 anos	2	3
Entre 35-44 anos	0	0
Entre 45-54 anos	0	0
Entre 55-64 anos	0	0
A partir dos 65 anos	0	0
TOTAL	11	3

Fonte: Autor

Aqueles que assumiram ser ateu ou ateia pagaram um preço alto por ser diferente, sendo que metade deles relatam até três casos emblemáticos de discriminação. A outra metade enfrentou vários casos ao longo da vida, sendo difícil

⁴ ENTREVISTA 14. Entrevistada: Adriana Zaluski. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

lembrar um número exato (Tabela 7). Há uma exceção, o Entrevistado 7, um evangélico que se tornou ateu há apenas três anos, disse saber que os ateus são discriminados, mas que ainda não passou por essa experiência pelo fato de evitar falar sobre ateísmo, tendo apenas comunicado a sua "desconversão" à esposa religiosa, que aceitou sem questionamentos.

Assédio de alunos a um professor ateu, no relato do Entrevistado 10:

Começou um movimento dos alunos contra mim. Boicotavam as atividades e nas provas escreviam `Jesus te ama`; `Deus seja louvado`; `Você vai pro inferno`. Aluno que antes tirava nota ruim e continuou tirando nota ruim, mas após saber que eu era ateu, começou a usar isso como justificativa para os pais, como se eu fosse o culpado pela nota ruim. Quando eu entrava na sala, entoavam cânticos religiosos bem alto, me impedindo de fazer a chamada. Eu tinha psoríase, mas estava bem controlada, com manchas quase imperceptíveis. Com esse estresse na escola, a doença se espalhou toda nas minhas pernas, braços e na cabeça (informação verbal)⁵.

Tabela 7 - Quantos episódios de discriminação já enfrentou?

Tabela 7 - Quantos episódios de discriminação já enfrentou?	
1 a 3 episódios:	7
Foram vários mas não me lembro quantos:	6
TOTAL	13

*O entrevistado 7, ex-membro da Assembleia de Deus, foi o único que disse saber do preconceito contra ateus, mas que nunca enfrentou porque raramente manifesta que é ateu.

Fonte: Autor

Nesse tocante, os sentimentos de humilhação, desrespeito, estranheza, exclusão social, dor e outros foram expressos pelos ateus e ateias em resposta à pergunta como se sentem em relação à discriminação (Figuras 9 e 10). Essas respostas, se restritas a um quadro, contribuem para o entendimento do problema, mas não dão a real dimensão desses sentimentos sem a complementar leitura da proposta de intervenção. Exemplificando, "desrespeito" foi a resposta que o

⁵ ENTREVISTA 10. Entrevistado: Renato Oliveira Braga. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Entrevistado 9 deu ao relatar episódios em que os seus pais católicos lhe negaram o direito de ser ateu. Não obstante tal ocorrência ter sido realmente um desrespeito, o termo não traduz completamente o drama por trás dessa situação.

Trecho do depoimento do Entrevistado 9:

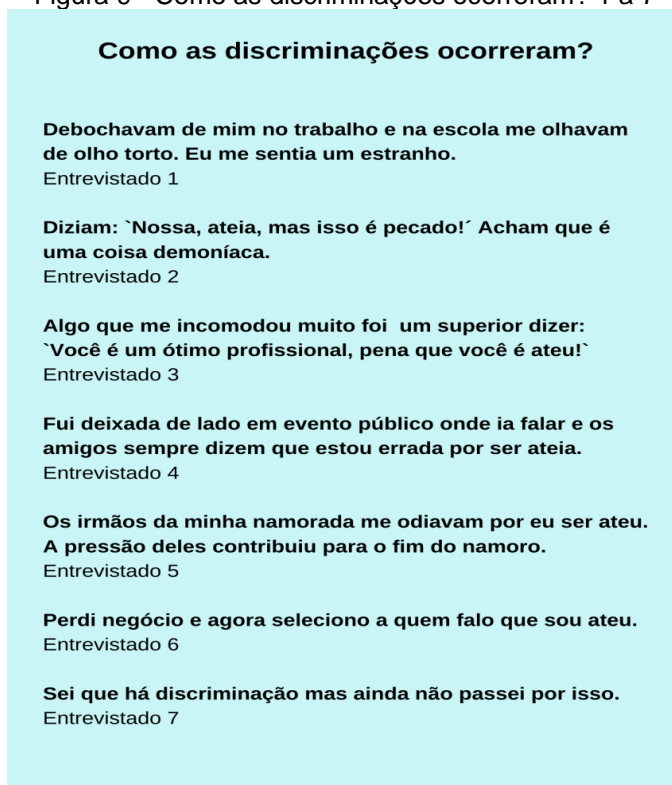
Meu pai ficou nervoso. Com olhar ameaçador e espumando de raiva ele disse:

– Se alguém não fizer a crisma nesta família vai apanhar. Me diz que você está brincando, me diz que falou de brincadeira!

Do quarto em frente, a minha irmã ouvia tudo. Eu fiquei tão intimidado que quase fiz xixi nas calças. Eu concordei tremendo como se a minha palavra não tivesse nenhum valor. Até hoje isso dói. Admito que até hoje eu tenho mágoa disso (informação verbal)⁶.

No respectivo capítulo "Desrespeito" da proposta de intervenção, onde a história é narrada, tem-se a exata compreensão desse desrespeito e como isso marca até hoje a vida desse jovem ateu de 28 anos, que não consegue ter uma conversa aberta entre pai e filho, em função de uma barreira de cunho religioso que se formou entre os dois.

Figura 9 - Como as discriminações ocorreram? 1 a 7



Fonte: Autor

⁶ ENTREVISTA 9. Entrevistado: Rafael Machado Justi. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Figura 10 - Como as discriminações ocorreram? 8 a 14

Como as discriminações ocorreram?

Sou chamado de maluco porque sou o único ateu em uma cidade de 8 mil habitantes. Muitos me amaldiçoam.
Entrevistado 8

Quando jovem, fui humilhado pelos meus pais e até ameaçado de ir para mosteiro de clausura e ficar lá para sempre.
Entrevistado 9

Sofri bullying de alunos que me mandavam para o inferno e entoavam cânticos religiosos quando eu entrava na sala.
Entrevistado 10

Sempre há aquele olhar estranho de desprezo. Muitas vezes evito dizer porque me sinto mal com essa discriminação.
Entrevistado 11

A supervisora me expôs no trabalho na hora de uma oração. Fui no RH e ela acabou sendo demitida.
Entrevistado 12

Meus pais me deram castigos físicos e toda a família se afastou de mim. O ateísmo causa repulsa a eles.
Entrevistado 13

Meu pai me expulsou de casa. Isso me machucou muito mas também me libertou. Hoje há ainda quem diz que sou bicho que precisa ser domado.
Entrevistado 14

Fonte: Autor

O mesmo pode se dizer de um outro caso, o do Entrevistado 13, cujo termo "dor" resume a discriminação que sofre na família. No livro, essa dor se revela no longo silêncio do entrevistado ao relatar que a mãe, que é evangélica, não aceitou o fato dele ter se negado a batizar os filhos pequenos. A diferença religiosa, nesse caso, provocou o distanciamento de uma avó dos dois netos.

O abandono da família, segundo o Entrevistado 13:

Aos 17 anos, quando eu comecei a usar a palavra ateu fui excluído totalmente dos laços mais próximos da família. Sempre que tinha alguma reunião familiar, as pessoas evitavam falar comigo e quando conversavam era para tentar me doutrinar, mudar o meu conceito ou me agredir com palavras. Diziam que eu era um endemoniado, que eu causava um mal terrível porque estava negando os princípios religiosos (informação verbal)⁷.

As demais entrevistas revelam situações tão ou mais gritantes. É de se perguntar: por que a mídia tradicional brasileira não repercute esses casos, que são emblemáticos no contexto da discriminação contra os ateus e ateias no Brasil e que são facilmente encontrados com uma busca relativamente simples nas redes sociais?

⁷ ENTREVISTA 13. Entrevistado: Enoque da Silva Pinheiro. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

O abandono dos irmãos, no relato do Entrevistado 8:

Os meus irmãos me deixaram de lado no momento em que mais precisei quando tive um problema de saúde. Ficavam dizendo:

– Eu quero ver se agora você não vai pedir para Deus te ajudar;

– Deus está te dando uma chance;

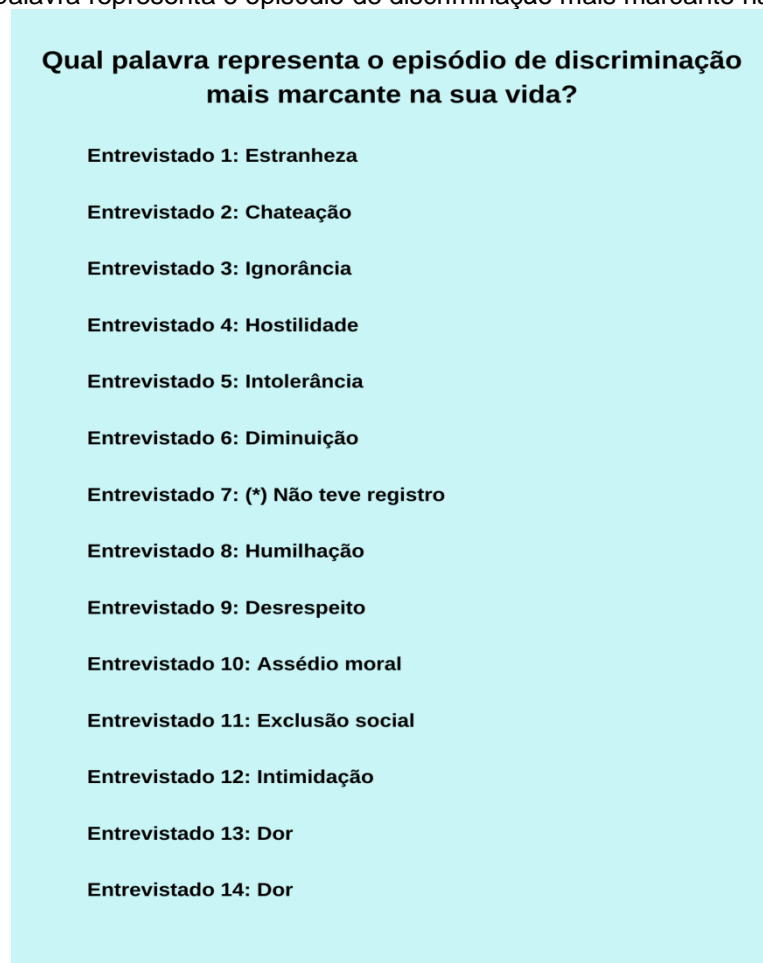
– Isso é um castigo, quero ver se a ciência vai restabelecer a sua saúde.

Eu nunca me senti tão humilhado. Ouvir essas frases de familiares me deixou muito triste (informação verbal)⁸.

Como se percebe, os sentimentos expressos pelos ateus e ateias (Figura 11) podem ser englobados em três blocos indiscutivelmente de cunho negativo, o que remete à única pesquisa sobre o tema, datada de 2008, que cita ódio, repulsa e antipatia contra os ateus (Tabela 8). O ódio pode ser identificado na hostilidade (Entrevistado 4), na intolerância (Entrevistado 5) e na dor provocada aos Entrevistados 13 e 14. A repulsa ou aversão surgem na estranheza (Entrevistado 1), na humilhação (Entrevistado 8), na diminuição (Entrevistado 6), na exclusão social (Entrevistado 11) e na intimidação (Entrevistado 12). A antipatia, por sua vez, está presente no bullying (Entrevistado 10), na chateação (Entrevistado 2), na ignorância (Entrevistado 3) e no desrespeito (Entrevistado 9). Segundo o dicionário Houaiss, ódio é uma aversão intensa motivada por raiva ou medo; repulsa é um sentimento de repugnância e antipatia é uma aversão espontânea, irracional e gratuita por alguém ou algo.

⁸ ENTREVISTA 8. Entrevistado: Marciel Dantas da Silva. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Figura 11 - Qual palavra representa o episódio de discriminação mais marcante na sua vida?



Fonte: Autor

Trilhar o caminho do ateísmo significa ir contra o *status quo* religioso, o que provoca retaliações de diversos graus. Isso se dá desde o momento de declarar-se ateu ou ateia, seja na infância, adolescência ou vida adulta, podendo perdurar como uma marca negativa, dependendo do ambiente social em que a pessoa vive. Apesar da disseminação da informação com as mudanças tecnológicas e os avanços sociais, o preconceito e discriminação é latente na vida dos entrevistados e não algo que ficou no passado quando se declararam ateus ou ateias.

Tabela 8 - Sentimentos dos ateus ao serem discriminados

Tabela 8 - Sentimentos dos ateus ao serem discriminados.

Foram alvos de Ódio	Hostilidade - Entrev. 4 Intolerância - Entrev. 5 Dor - Entrevistados 13 e 14	4
Foram alvos de Repulsa	Estranheza - Entrev. 1 Diminuição - Entrev. 6 Humilhação - Entrev. 8 Exclusão social - Entrev. 11 Intimidação - Entrev. 12	5
Foram alvo de Antipatia	Bullying - Entrev. 10 Chateação - Entrev. 2 Ignorância - Entrev. 3 Desrespeito - Entrev. 9	4
TOTAL		13

***O entrevistado 7, ex-membro da Assembleia de Deus, foi o único que citou episódio de discriminação.**

Fonte: Autor

Todos, praticamente todos consideram que a sensação de discriminação é algo presente, mesmo que alguns tenham observado que isso possa estar diminuindo ou que não tenham experimentado discriminação em época mais recente. Mesmo a exceção, o Entrevistado 7 que não relatou discriminação, disse ter consciência de que a discriminação existe e que raramente expressa o seu ateísmo, razão que certamente explica porque, até agora, foi poupado do infortúnio. Levando-se em consideração que a única pesquisa nacional sobre essa questão data de 2008, torna-se impossível avaliar em que patamar esse quadro atualmente se encontra.

A discriminação, segundo a Entrevistada 2:

As pessoas discriminam os ateus por medo. Medo de tudo, medo do castigo divino. Elas se acham pessoas completas, que sabem tudo e que nós, ateus, somos os vândalos, os bandidos, e não sabemos de nada. Falam com a boca cheia `vai com Deus`, `Deus abençoe`. Para mim isso é irritante. Eu não consigo ficar sem responder porque a gente consegue ver o poder da igreja dominando, contaminando o povo com mentiras (informação verbal)⁹.

Há de se considerar o desinteresse dos institutos de pesquisa e dos meios de comunicação em abordar essa questão, o que revela um descaso para com a minoria ateuísta no Brasil. Como já citado neste trabalho, os ateus são invisíveis na televisão

⁹ ENTREVISTA 2. Entrevistada: Ofélia Gonçalves Borba. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

aberta, meio de comunicação de maior penetração na sociedade brasileira, o que reforça o isolamento social dos ateus, sendo, portanto, imprescindíveis as ações de comunicação de interesse público com vista a combater o preconceito e discriminação contra os descrentes brasileiros.

O temor de se manifestar ateu também é algo recorrente, seja para evitar represálias ou outro tipo de questionamento. A falta de engajamento dessa minoria, apontada como desunida pelos próprios depoentes, dificulta a implantação de ações afirmativas para se combater a exclusão social. Esse obstáculo já foi apontado pelo biólogo e professor britânico Richard Dawkins (2006), autor do *best-seller Deus, um delírio*, ao frisar que organizar ateus é como arrebanhar gatos pois eles pensam de forma independente e não gostam de se adaptar a autoridade.. No caso brasileiro são "gatos escaldados", pois soma-se a essa característica a experimentação de prejuízos em decorrência da exposição e o receio consolidado de que os ateus estão entregues à própria sorte, pois não contam com apoio político nem tampouco a solidariedade das organizações da sociedade civil que representam as demais minorias. Nesse contexto, quem abraça a causa ateu acaba ficando isolado, desaparece, perde.

Opresão leva à autocensura, segundo o Entrevistado 11:

Muitas vezes eu omiti ser ateu para evitar o preconceito porque eu me sinto muito mal com isso. Eu tenho uma tatuagem com o símbolo ateu desde janeiro de 2018 e quando alguém perguntava o que é eu dizia que tinha essa tatuagem porque sou ateu. Aí surgia aquele olhar de susto, um olhar negativo, como se eu fosse uma pessoa imoral, desprezível, em quem não se pode confiar. Parei de dizer para evitar exclusão (informação verbal)¹⁰.

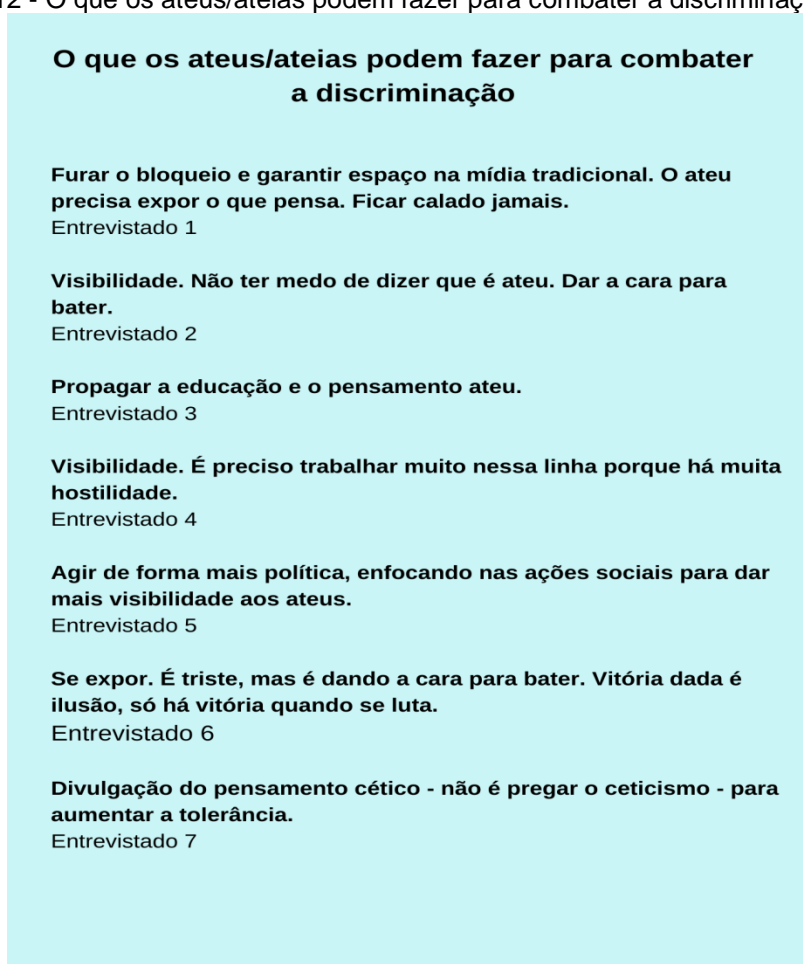
Destarte, ganha relevância a defesa dos respondentes por mais debate sobre o tema e uma mudança de postura dos ateus em busca de visibilidade para que a sociedade perceba e passe a aceitar a minoria ateu de maneira receptiva, em lugar de retaliação. Há uma cobrança enfática de que os ateus e ateias deixem de ter medo em se expressar, porém, note-se, esses que advogam pela visibilidade são declaradamente ateístas, o que significa que decidiram de forma autônoma sair da penumbra a despeito dos inconvenientes que pudessem enfrentar. O simples fato de se apresentarem espontaneamente para as entrevistas, por si só, revela iniciativa e disposição para o combate ao isolamento (Figuras 12 e 13).

A defesa da militância ateu, pelo Entrevistado 12:

¹⁰ ENTREVISTA 11. Entrevistado: Guilherme Natividade. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Ultimamente as pessoas ganharam alvará para falar besteira. A discriminação estava diminuindo, mas de um tempo para cá com esse presidente preconceituoso, as pessoas voltaram a falar mais besteiras. Os religiosos gostam de ser alvo de piadinhas? Dizem que é intolerância religiosa. Mas se o ateu enfrenta piadinhas, ninguém diz que é intolerância religiosa. Por isso os ateus precisam se colocar como grupo, para ter respeito de verdade (informação verbal)¹¹.

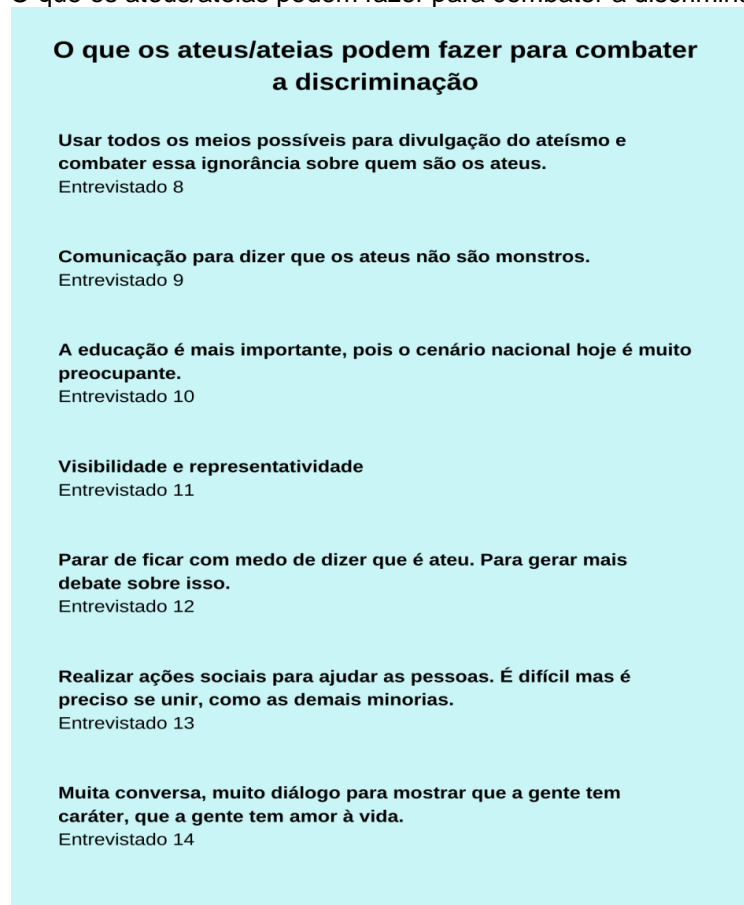
Figura 12 - O que os ateus/ateias podem fazer para combater a discriminação? 1 a 7



Fonte: Autor

¹¹ ENTREVISTA 12. Entrevistado: Thairo Batista. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Figura 13 - O que os ateus/ateias podem fazer para combater a discriminação? 8 a 14



Fonte: Autor

Esse isolamento decorre, depreende-se das entrevistas, pelo fato de o ateísmo ir contra o pensamento da esmagadora maioria brasileira. Como teoriza Mezdri (2016, p. 70), "o ateu na configuração da sociedade brasileira eminentemente religiosa é visto como o estranho que tanto se defronta como afronta os outros". Esse estranhamento parece estar no cerne da questão, inclusive as demais minorias que defendem pautas da diversidade sexual, feminismo, combate ao racismo – que invariavelmente contam com o apoio dos ateus – não parecem se interessar com o preconceito e discriminação aos ateus.

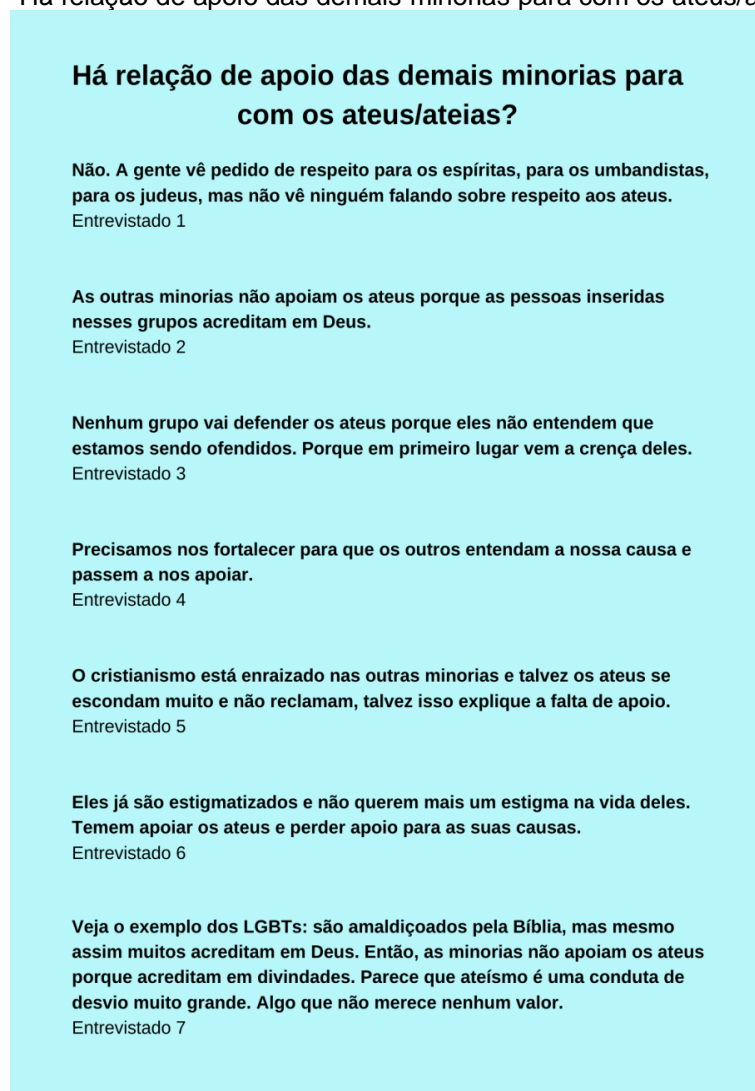
Segundo os entrevistados, os integrantes desses movimentos em sua maioria possuem uma crença, o que pode explicar a inibição ou desinteresse em apoiar uma causa que se baseia na descrença (Figuras 14 e 15). O ateu, nesse caso, está no grupo, mas não faz parte dele, seguindo a analogia de Mezdri (2016), ao citar Simmel (1993, p.188): "É o estranho, considerado e visto, enfim, como um não pertencente, mesmo que este indivíduo seja um membro orgânico do grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social". Além disso, como é arraigada na cultura brasileira a rejeição aos ateus, apoiar a causa ateuísta pode

contaminar a luta pelas próprias causas das demais minorias. Ou como resumiu o Entrevistado 7 resumiu: "Parece que o ateísmo é um desvio de conduta muito grande, uma coisa que não merece nenhum valor." (informação verbal)¹²

Os ateus e as demais minorias, na visão do Entrevistado 5:

Eu nunca conheci um ateu que não apoiasse as demais minorias, mas as minorias não dão apoio aos ateus. Não existe apoio, eu pelo menos nunca vi. Nunca parei para pensar melhor sobre isso, mas acho que o cristianismo está muito enraizado em diversas ideologias. Ou talvez porque os ateus se escondam, não falam muito, não reclamam muito. Somos parte importante da sociedade que as pessoas simplesmente não conhecem (informação verbal)¹³.

Figura 14 - Há relação de apoio das demais minorias para com os ateus/ateias? 1 a 7



Fonte: Autor

Figura 15 - Há relação de apoio das demais minorias para com os ateus/ateias? 8 a 14

¹² ENTREVISTA 7. Entrevistado: Harrison Correia dos Reis. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

¹³ ENTREVISTA 5. Entrevistado: Wellington Hilário Rodrigues. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Há relação de apoio das demais minorias para com os ateus/ateias?

Falta aproximação pois os ateus são os mais rejeitados.
Entrevistado 8

As pessoas dessas minorias são religiosas e a religião deles não permite aproximação e apoio aos ateus.
Entrevistado 9

Vejo que as minorias são tolerantes, mas não vejo apoio aos ateus. Acha que é importante acreditar ou no máximo ser agnóstico. Mas ateu, a descrença total, no máximo eles toleram.
Entrevistado 10

Nenhuma minoria, nem no campo progressista, dá apoio aos ateus. Vejo até exclusão porque somos uma minoria sem liderança, sem representatividade.
Entrevistado 11

A gente dá todo o apoio às minorias porque a gente quer o bem, por amor ao próximo. Mas as demais minorias não pensam nos ateus como merecedores de apoio. Essa é a grande verdade.
Entrevistado 12

Dentro desses grupos minoritários existem religiosos com preconceito em relação aos ateus.
Entrevistado 13

Tenho muitos amigos nessas minorias e vejo que o pensamento religioso predomina, inclusive na maneira como comentam comigo.
Entrevistado 14

Fonte: Autor

As razões do isolamento da minoria ateuista parecem óbvias em um país cuja população que acredita em deus atinge 84%, segundo pesquisa da Ipsos (DA BBC, 2011). O Brasil apareceu em 3º. lugar num *ranking* que engloba 23 países em que a pesquisa foi realizada, atrás apenas de Indonésia, em primeiro, com 93% dos entrevistados e Turquia, o segundo, com 91% das pessoas que disseram acreditar na existência de um "Deus ou um ser supremo". Também o silêncio imposto aos ateus pela mídia tradicional se explica pelo fato de não contrariar interesses de uma maioria religiosa. Tanto é que a única campanha realizada em território brasileiro pela ATEA (Associação dos Ateus e Agnósticos do Brasil) não encontrou eco na televisão aberta, ficando restrita a um minúsculo noticiário nos jornais, como enfatiza Montero e Dullo (2014, p.15): "Os jornais mais importantes limitaram-se a dar pequenas notas informativas descrevendo a campanha e seus objetivos. Na maior parte das vezes não se estenderam em uma análise de fundo sobre a questão ateuista no Brasil". Segundo Giacomini-Filho e Martin (2015, p. 15), "é possível que as peças realmente

tenham contrariado dispositivos da ética publicitária, mas, de outro lado, o fator ideológico pareceu dominar a decisão de barrar a campanha em importantes capitais brasileiras". Na televisão, como de costume, prevaleceu a abstenção ao tema.

Em que pese todas as ressalvas que possam ser feitas ao teor da campanha e ação comunicativa da ATEA, é inquestionável reconhecer a atuação dessa entidade na defesa dos direitos dos ateus e no processo, mesmo que incipiente, de engajamento dos descrentes brasileiros. Não se pretendeu com esta pesquisa avançar sobre o papel da ATEA, pois ele já foi objeto de estudos, mas utilizar o seu caráter militante como exemplo para corroborar o que se constatou neste trabalho: mostrar a cara, expor o seu ateísmo parece ser o único caminho para a conquista dos direitos e combate ao preconceito contra os ateus.

Com efeito, ensina Habermas (1997) que o acesso à esfera pública é um pressuposto para lutas por reconhecimento e esse acesso para as minorias encontra-se inviabilizado pelas classes dominantes. Nesse caso, torna-se ilusório esperar que o sistema dominante religioso não atue para inviabilizar a presença dos ateus no debate público. Enquanto estiverem nas sombras, ou escondidos no armário, como se diz no jargão popular, os ateus estarão contribuindo diretamente para a perpetuação do preconceito e discriminação. Não se trata aqui de fazer apologia a uma militância ateísta, mas constatar que a quebra de paradigmas requer ações e atitudes diferentes das adotadas até então, não deixando de alertar, obviamente, que isso importa em riscos e prejuízos como os observados nos relatos da maioria dos entrevistados.

Falar para além da bolha ateísta é o desafio a ser superado visando o enfrentamento do preconceito e discriminação contra os ateus e aqui reside uma oportunidade inédita para a comunicação de interesse público. De acordo com as manifestações dos entrevistados, esse estudo constatou que parte significativa deles defende uma comunicação que explique o que é ateísmo e mostre que o ateu é uma pessoa como outra qualquer, que possui direitos e deveres, e não um bicho-papão como imagina parcela expressiva da população. Trata-se, portanto, de uma comunicação propositiva e não reativa ou de enfrentamento contra as religiões.

Nas palavras do Entrevistado 3:

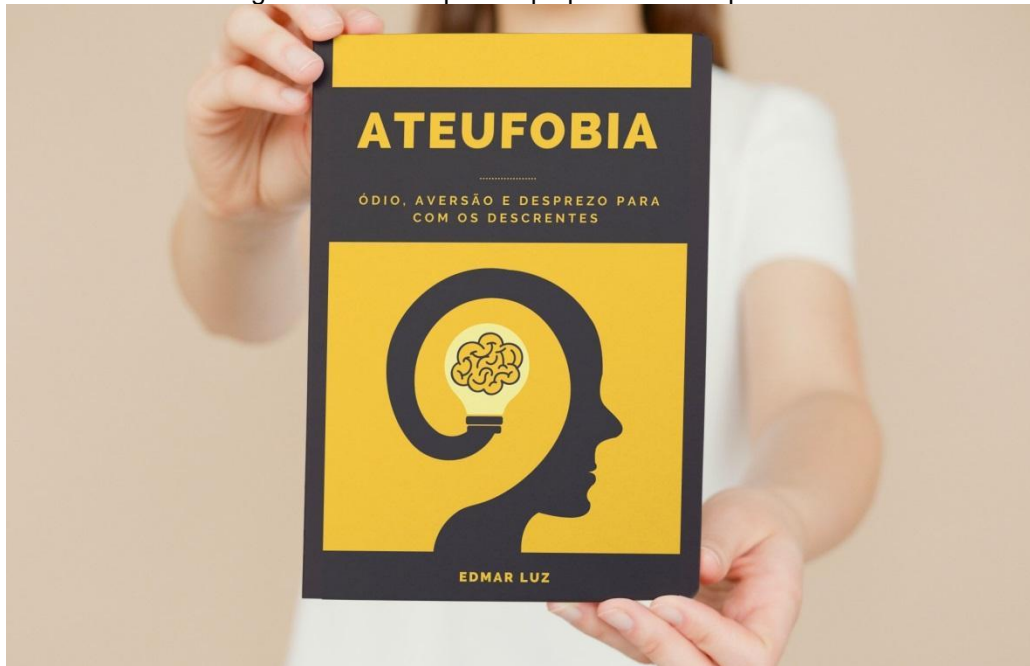
Os memes dos ateus sobre as religiões são maravilhosos. As brincadeiras são criativas, eu me divirto muito, mas eu acho que já passou da hora da gente mostrar alguma coisa diferente. Parar um pouco os memes, parar de criticar, parar de atacar. Eu posso mostrar com respeito que não acredito em Deus, eu posso explicar porque não acredito e posso usar da minha atividade profissional, do meu conhecimento para ajudar o mundo, para melhorar as coisas, e deixar bem claro que quem está ajudando é um ateu (informação verbal)¹⁴.

Há de se ressaltar que a idade dos entrevistados variou de 21 anos a 68 anos, e que eles ressaltam que na adolescência eram mais agressivos contra as religiões, muito em resposta às opressões que sofriam no ambiente familiar ao se identificarem como ateus e ateias. Dessa forma, estudos posteriores para identificar o pensamento dos ateus e ateias pré-adolescentes podem vir a contribuir para dar maiores subsídios para se contemplar de maneira mais abrangente a comunicação de interesse público acerca da questão ateuísta no Brasil.

Assim, ganha importância ímpar a elaboração da proposta de intervenção que acompanha este trabalho. O livro *Ateufobia - Aversão, desprezo e ódio para com os descrentes* (Figura 16) reúne os relatos em suas minúcias, indo a fundo nos sentimentos dos entrevistados que se permitiram abrir o coração ao longo de horas de conversas, alguns deles chegando a ser tomados pela emoção e choro repetidas vezes durante o depoimento. Outros demonstraram profunda tristeza e revolta ao citar detalhadamente os episódios de discriminação que sofreram. São histórias emblemáticas desconhecidas do grande público brasileiro e que ficam restritas à bolha ateuísta. Pelo caráter inédito da proposta de intervenção – no caso o livro com os depoimentos de ateus e ateias – a comunicação de interesse público cumpre a sua função social de jogar luz nas injustiças cometidas contra uma parcela minoritária de brasileiros que convivem com a silenciosa exclusão social sem que isso até hoje tenha sido objeto de atenção dos meios tradicionais de comunicação, em especial a televisão aberta, devido à sua amplitude no espectro midiático.

¹⁴ ENTREVISTA 3. Entrevistado: Marlon Rocha. Entrevistador: Edmar Luz de Almeida. Formato *on-line*, realizada de março a maio de 2021.

Figura 16 - Mockup da capa provisória do produto



Fonte: Autor

O que seria ateufobia? A palavra ateu remete a *atheos* do grego, ou seja, aquele indivíduo que não crê em Deus ou deuses, segundo o dicionário Houaiss. Por sua vez, fobia deriva do grego *phóbos* e remete a medo, aversão, intolerância, rejeição. Os três mais conhecidos dicionários da língua portuguesa, Michaelis, Houaiss e Aurélio, não contemplam o verbete ateufobia. Somente o Houaiss traz ateofobia, numa junção coerente com as raízes gregas, mas com a observação de que se trata de um conteúdo de outras fontes, e que foge ao escopo das definições do dicionário (HOUAISS *ON-LINE*).

Em seguida, o Houaiss traz um texto adaptado da Wikipedia, que relaciona ateofobia à discriminação contra ateus e que, genericamente, diz:

A discriminação contra ateus inclui a perseguição e discriminação sofridas pelos ateus no passado e na era atual. Em democracias constitucionais, a discriminação legal contra os ateus é incomum, mas alguns ateus e grupos ateístas, em particular nos Estados Unidos, protestaram contra leis, regulamentos e instituições que eles veem como sendo discriminatórias. Em alguns países islâmicos, ateus enfrentam discriminação, incluindo a falta de estatuto jurídico ou até mesmo sentença de morte no caso de apostasia. Ateus que expressam abertamente a sua opinião passam frequentemente a carregar um estigma social, correndo o risco de serem discriminados, ou em alguns países, condenados à morte. Alguns adeptos de visões teístas julgam aqueles que não professam qualquer crença em divindades como sendo amorais ou não confiáveis (HOUAISS *ON-LINE*).

Como se observa, trata-se de um descritivo genérico que é questionável, pois não traz nenhum dado ou fonte oficial capazes de corroborar as afirmações. Já a advogada Eliane Ferreira de Souza, por outro lado, foi feliz ao tratar a questão, no artigo *Ateofobia, um tipo de preconceito ainda não tipificado criminalmente*, no portal JusBrasil (SOUZA, 2015). Nele, a autora apresenta um panorama do preconceito contra os ateus e elenca artigos da Constituição Federal que asseguram o direito à consciência, enquanto alerta que falta, especificamente, uma lei que ampare os ateus, assim como há a Lei no. 7716/89, que considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra as religiões.

Em que pese a correção semântica apontar para ateofobia, torna-se mais palatável o uso do neologismo ateufobia, assim grafado com o “U” no lugar do “O”, levando-se em consideração, inclusive, os depoimentos obtidos neste estudo. Como se constatou, o desconhecimento e a ignorância do que venha a ser um ateu é um dos elementos cruciais para a perpetuação do preconceito e discriminação contra as “pessoas sem Deus”, ou melhor, “pessoas sem Deus no coração”, como sutilmente os religiosos alimentam o preconceito contra os descrentes. Assim, utilizar o termo ateu, diferente da forma usual, seria contraproducente, quando se busca justamente tornar acessível o conhecimento sobre o indivíduo ateu. Portanto, o uso do neologismo ateufobia torna-se plausível, principalmente levando-se em conta que ele encabeça o título da proposta de intervenção.

Com isso, elimina-se possíveis questionamentos de leitores com um suposto uso errado de ateu, em contraposição a ateu do senso comum, o que poderia fomentar uma discussão estéril que nubla o objetivo da comunicação do problema neste momento. A adoção do neologismo ateufobia se justifica também pelo fato de que outras construções terem sido abasileiradas sem nenhum prejuízo para a comunicação, como é o caso de gordofobia, LGBTFobia etc. Por último, segundo o dicionário Houaiss, neologismo é a unidade léxica resultante da atribuição de novos sentidos às palavras existentes e emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes. Essa criação surge da necessidade de se dar novos conceitos ligados às diversas áreas, sendo também comum o “neologismo literário”, elaborado por escritores, poetas e compositores de músicas.

Finalmente, a proposta de intervenção ocupa no conjunto desta pesquisa uma posição de destaque, pois por si só cumpre um dos objetivos primordiais deste trabalho que é dar voz aos que não tem voz, dada à inquestionável invisibilidade social

dos ateus no Brasil. Para a maioria dos entrevistados, por exemplo, dar visibilidade aos ateus se constitui uma condição essencial para o combate ao preconceito e discriminação. Por conseguinte, esmiuçar até o limite possível essas ocorrências de discriminação, expondo os fatos com a crueza dos detalhes, supre uma lacuna neste tema, assim como a proposta de intervenção pode proporcionar que milhares de ateus e ateias possam se reconhecer nos relatos, contribuindo sobremaneira para a sua identificação como grupo minoritário discriminado.

A proposta de intervenção, pela natureza do seu caráter jornalístico e liberdade estilística de viés literário, tem a capacidade de gerar emoção, aproximando os depoentes dos leitores, o que é mais difícil de acontecer com o texto acadêmico. Dessa forma, a dissertação e o livro se complementam, por isso estão sendo entregues conjuntamente, sendo a primeira a mola propulsora do segundo e, este, é a resposta que se dá, com o elemento humano em evidência, ao questionamento que se fez logo de início: “Com os ateus se sentem em relação à discriminação que sofrem no Brasil?”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ateísmo é tão antigo quanto as religiões. O primeiro ateu, o filósofo Diógenes de Melos, teria vivido de 465 AEC a 410 AEC na Grécia antiga. Milhares de anos depois, em 2006, surge o neoteísmo nos Estados Unidos e na esteira desse movimento, em 2008, é fundada a primeira entidade atea no Brasil, a ATEA. Não por acaso, a academia brasileira permaneceu indiferente aos ateus até 1990, segundo consulta à base da Capes, e de lá até 2017, o que soma 27 anos, foram produzidos apenas 16 trabalhos, enquanto que só de 2008 a 2018, isto é, em 10 anos ou quase um terço do período anterior, foram registradas 38 produções acadêmicas. Claro está que isso ocorreu em decorrência da militância neoteísta no exterior e no Brasil.

Com todas as ressalvas necessárias, evitando-se cair na tentação de estar se defendendo militância, é forçoso reconhecer que o combate ao preconceito e discriminação contra os ateus requer ações de visibilidade para jogar luz naqueles que estão no subterrâneo. Aqui, a comunicação de interesse público pode desempenhar papel crucial para estimular o ambiente de tolerância religiosa e evidenciar os princípios da laicidade do Estado, que garante condições de igualdade para os que adotam uma crença e para os que não têm crença nenhuma. O combate à intolerância religiosa, portanto, deve ser um propósito de toda a sociedade, independente de credo, raça, formação cultural ou nível econômico.

Como se constatou, o movimento neoteísta despertou sobremaneira o interesse acadêmico pelos ateus como também garantiu espaços – ainda que minúsculos – na mídia tradicional brasileira, mesmo tendo sido em debates ou entrevistas sobre o Estado laico e não propriamente sobre a discriminação aos descrentes. Houve, com certeza, um despertar de consciência desse grupo minoritário e isso se replicou nas inúmeras páginas e grupos nas redes sociais, notadamente com críticas às religiões. Isso se confirmou nesta pesquisa onde os entrevistados destacaram a força dos memes, que englobam humor, críticas e achincalhamento das religiões, num processo de desconstrução da imagem dessas instituições pela Internet.

Poder-se-ia creditar o sucesso dessa estratégia ao boom das redes sociais, em especial o Facebook, no período de 2012 a 2018, quando a ATEA teve a sua página excluída da rede social, página essa de conteúdo atea que reunia o maior número

de seguidores, com a marca de 750 mil curtidas. Com efeito, o ateísmo virtual ou ciberateísmo tomou corpo, mas agora parece saturado, ao mesmo tempo em que se observa uma queda na audiência do Facebook.

A título de facilitar o entendimento para as sugestões que virão a seguir, é possível classificar esse período de neoateísmo primeira fase, apesar de haver entre os ateus aqueles que consideram pejorativa a expressão por essa embutir uma tentativa de deslegitimar o movimento ateu, dando a entender que neoateísmo seria um ateísmo juvenil ou de ateus revoltados ou, de forma irônica, um movimento mimimi. O termo mimimi, predominantemente, é usado por representantes das majorias para deslegitimar reivindicações de minorias, zombando das reivindicações e as considerando exageradas ou fúteis. Com base em quase a unanimidade dos entrevistados, é possível dizer que a primeira fase do neoateísmo já cumpriu o seu papel. É chegada a hora da segunda fase.

Com base no resultado desta pesquisa, este trabalho sugere que é o momento de uma nova etapa na relação dos ateus com a sociedade visando a quebra do preconceito e discriminação. Ficou claro com a análise dos depoimentos que a melhor forma de os ateus enfrentarem essa adversidade é tornar conhecido o ateísmo e mostrar quem são os ateus. O estranho comumente é rejeitado, como um dos entrevistados lembrou com pertinência. Nessa linha, houve sugestões de que os ateus passassem a promover campanhas de assistência social como forma de se aproximar das pessoas, divulgando essas benesses sociais como ações de ateístas em prol da população carente. Há os que sugeriram palestras e serviços de assistência psicológica a serem encabeçados por ateus.

O corolário de sugestões, enfim, dá mostra de que é necessária uma nova abordagem dos ateus para com a sociedade e nisso a comunicação de interesse público pode dar importantes contribuições para o sucesso desse desafio visando fomentar um ambiente de tolerância religiosa, em que os diferentes possam conviver democraticamente com as suas diferenças. Essa segunda fase para o neoateísmo que se descortina, com base na reflexão dos resultados da pesquisa, vai na linha do que poderíamos chamar de ateísmo visível, com a sociedade tendo contato direto com as ações desenvolvidas e difundidas pelos ateus.

No relato de alguns dos entrevistados, o ataque às religiões, entre outros motivos, se explica pelo fato de essas religiões demonizarem os ateus e contarem com privilégios junto ao Estado brasileiro, o que gera forte revolta entre os ateus.

Certamente, essa intolerância religiosa é inaceitável, mas combater o ódio com ódio não trará resultados positivos para um ambiente de civilidade que se pretende em um Estado Democrático de Direito. Atendendo a esse propósito, fica a sugestão de ações comunicativas propositivas dos ateus para com a sociedade, mostrando o que fazem e deixando claro que acreditar ou não acreditar em Deus não transforma um indivíduo em melhor ou pior que o outro, mas que apenas pensam de forma diferente em relação às questões de cunho sobrenatural.

Paralelamente e não menos importante, é a difusão de que a ateufobia é, sim, um crime a ser tipificado, como defende a advogada Eliane Ferreira de Souza. Nesse quesito, a comunicação de interesse público também pode atuar de forma excepcional para a conscientização da sociedade de que a discriminação contra ateus é um ato de intolerância religiosa para, mais à frente, a ateufobia conquistar *status* de crime tipificado como assinala a advogada. Criminalizar a ateufobia, portanto, seria o coroamento de uma estratégia para o fortalecimento da minoria ateuísta, garantindo-lhe o respeito e os seus direitos no contexto constitucional do Brasil.

Como ponto de partida para dar voz aos que não têm voz, este trabalho certamente oferece limitações, principalmente porque foi elaborado no período de pandemia do coronavírus, o que impediu a realização presencial de pelo menos parte das entrevistas, como planejado inicialmente. Entretanto, o seu viés exploratório desperta interrogações que outros trabalhos, posteriormente, possam responder, por exemplo, a infância e a adolescência ateuísta sob a ótica do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente); o silêncio das autoridades brasileiras em relação à discriminação contra os ateus; o nicho ateuísta como objeto do marketing; os dilemas das mulheres ateuas em um país de cultura machista e conservadora; os conflitos nas relações afetivas dos ateus num universo onde a crença é predominante; o papel da mãe ateuia na educação dos filhos; a presença do ateísmo na música, no cinema e na literatura brasileira; a cultura religiosa nas escolas como entrave à inclusão social dos ateus pré-adolescentes; perspectivas para uma indústria de suvenires com símbolos e mensagens ateuístas; enfim, a produção sobre ateus e ateísmo é incipiente no Brasil e algumas dessas sugestões podem vir a contribuir para o enriquecimento do debate sobre o tema, tanto na comunidade acadêmica como na sociedade em geral.

Durante décadas, o ateísmo esteve atrelado a uma imagem de ateus intelectuais, com notável bagagem científica e filosófica, quer dizer, o ateísmo remetia à necessidade de se ter um nível de conhecimento superior à média da população.

Obviamente, não se discute a importância do conhecimento em áreas tão importantes como a ciência e a filosofia, mas reforçar o vínculo de ateísmo a elitismo intelectual é uma armadilha que só serve às religiões, por encaixotar os ateus num compartimento onde são tachados de arrogantes. A comunicação de interesse público, nessa segunda fase do neoateísmo, teria o desafio de mostrar os ateus como seres humanos comuns com mais ou com menos estudos. Da mesma forma que não se exige diploma para ninguém crer em uma divindade ou um ser superior, o oposto também ocorre, isto é, para ser descrente não são necessários muitos anos de bancos escolares, como demonstraram os depoimentos, quando a maioria se identificou ateu na adolescência. Este próprio autor é ateu desde os 7 anos de idade, quando se recusou a fazer a primeira comunhão, e essa decisão não requereu nenhum conhecimento prévio de ciência ou filosofia para ser tomada.

Crer ou não crer em deuses é uma decisão da esfera privada. Cada cidadão, sob o amparo da Constituição Federal do Brasil, tem o direito inviolável à sua liberdade de consciência e deve decidir a seu bel prazer a sua relação com a questão sobrenatural. É disso que se trata este trabalho, ao chamar a atenção para uma parcela minoritária da sociedade considerada malvista somente pelo fato de pensar diferente da maioria a respeito da existência de divindades. Que a comunicação de interesse público seja capaz de mudar essa realidade propiciando um ambiente de maior tolerância religiosa no Brasil. O desafio está lançado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Roney de Seixas. **Ciência moderna, religião e os novos ateístas**. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

ATEA. Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. **Homepage**. Disponível em: <http://www.atea.org.br>. Acesso em 10 jan. 2020.

BERNARDO, André. Preconceito, agressividade e desconfiança: como é ser ateu no Brasil. **BBC** [6 nov. 2016]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37640191>. Acesso em: 10 jan. 2020

CAPES. **Catálogo de teses**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CARDOSO, Marcelo; CALIXTO, José. Do ateísmo ao neoateísmo: uma breve retrospectiva histórica e suas implicações na sociedade atual, 2018. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências da Religião**, v. 6, n. 2, p. 147-167. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DA BBC. Brasil é 3º país onde mais se crê em Deus, diz pesquisa. **G1**. [25 abr. 2011]. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/brasil-e-3o-pais-onde-mais-se-cre-em-deus-em-pesquisa.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Estado democrático e social de direito**. São Paulo: PUC-SP, 2017.

DAWKINS, Richard. Deus, um delírio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DENNETT, Daniel C. **Quebrando o encanto** – A religião como fenômeno natural. São Paulo: Globo, 2006.

DUARTE, Jorge. **Comunicação Pública** – São Paulo: Atlas, 2007.

FOLHA DE S.PAULO. **Deixam de ser católicos ao menos 9 milhões, diz Datafolha**. [28 dez. 2016]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844365-deixam-de-ser-catolicos-ao-menos-9-milhoes-afirma-datafolha.shtml> Acesso em 10 jan. 2020.

FRANCO, Clarissa de. **O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum**. 234 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

FIRMINO, Danilo Monteiro. **Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) x Estado Brasileiro: ateísmo, laicidade e conflitos jurídicos na formação do primeiro movimento social ateu do Brasil**. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2018.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Grupos sociais vítimas de Intolerância** – Grau de aversão ou intolerância a grupos de pessoas, 2008. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/diversidade-sexual-e-homofobia-no-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GIACOMINI-FILHO, Gino, MARTIN, Sérgio Luís de. Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual. **Estudos de Religião**. São Paulo, v. 29, n. 2, p. 13- 29, jul./dez, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, São Paulo, 2008.

GOOGLE ACADÊMICO. **Discriminação contra ateus no Brasil**. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?start=40&q=discrimina%C3%A7%C3%A3o+contra+ateus+no+brasil&hl=pt-BR&as_sdt=1,5&as_vis=1. Acesso em: 10 jan. 2020.

HABERMAS, Jürgen. **A Berlin Republic: Writings on Germany**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

HARRIS, Sam. **A morte da fé**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HITCHENS, Christopher. **Deus não é grande: Como a religião envenena tudo**. São Paulo: Ed. Globo, 2016.

HOUAISS. **Dicionário on-line**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#3. Acesso em: 10 jan. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-enso.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>. Acesso em: 10 jan. 2020.

IHEU – União Internacional Humanista e Ética. **Relatório: A Liberdade de Pensamento 2012**. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B0vkl_xBVqgORjhaNUVOUzU4N3c/edit. Acesso em: 10 jan. 2020.

KOSLOWSKI, Adilson; SANTOS, Valmor. Avaliando algumas metateses acerca do neoateísmo. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 89-110, set./dez. 2016.

LIMA-JÚNIOR, F. C. V. O sagrado intolerante: uma abordagem sobre as origens da discriminação aos ateístas na sociedade contemporânea. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, v. 11, n. 128, p. 136-147, 1/2012.

LUZ, Edmar; ROSSETTI, Regina. Ateus, esses invisíveis na televisão brasileira – um ensaio. Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 20., Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 23., 2020, Bahia. **Anais eletrônicos [...]**.

Bahia: UFBA. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2539-2.pdf>. Acesso em: (informar data de acesso).

MARTINS, Patrícia. Ciberateísmo: religião e ateísmo em tempos de rede. **Revista Teoliterária PUC-SP**, v. 11, n. 15, p. 266-296, 2018. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/33009/26009>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MCQUAIL, Denis. **Atuação da Mídia: Comunicação de Massa e Interesse Público**. São Paulo: Penso, 2012.

MEZADRI, Fernando. Um estranho entre nós - perspectivas teóricas para um estudo sociológico do ateísmo na sociedade brasileira. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 3, p. 63-87, 2016.

MONTERO, Paula; DULLO, Eduardo. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 100, p. 57-79, nov. 2014.

MOREIRA, Leonardo. **Ainda encantados?** Neoateísmo e desencantamento do mundo. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

MUNIZ, Mariana. MPF do Rio investiga invasão religiosa na grade de emissoras de TV,. Revista **Veja on-line**. [9 dez. 2019]. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/blog/radar/mpf-do-rio-investiga-invasao-religiosa-na-grade-de-emissoras-de-tv/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PAULOPES. Só um candidato a vereador assumiu ser ateu entre milhares [7 nov. 2016]. Disponível em: <https://www.paulopes.com.br/2016/11/so-um-candidato-vereador-assumiu-ser-ateu-entre-milhares.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PAULOPES. Diágoras de Melos, ateu famoso. [7 set. 2012]. Disponível em:

<https://www.paulopes.com.br/2012/09/diagoras-de-melos-ateu-famoso.html#.YNoR0jZKjow>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SAMSING, Caro. HUBSPOT. O declínio do alcance orgânico do Facebook e como superar o algoritmo. **Hubspot** [14 ago. 2018]. Disponível em:

<https://br.hubspot.com/blog/marketing/declinio-alcance-organico-facebook>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SANTOS, Monique. Intolerância religiosa: desafios da democracia e laicidade,

Facnpar. 2015. Disponível em: <https://facnpar.com.br/conteudo-arquivos/arquivo-2019-08-29-15670952462636.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SANTOS, Valmor Ferreira. **Uma introdução ao movimento do neoateísmo: definições e metateses**. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016.

SILVA, Rogério Fernandes da. **Graças a Deus sou ateu: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoteístas do Facebook**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

SILVA, Ricardo Oliveira da - Será que chegou a hora e a vez do ateísmo na historiografia brasileira? - **Revista Eletrônica de História**, v. 12, n. 24, p. 280-308, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/9024>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SOUZA, Eliane. Ateofobia, um tipo de preconceito ainda não tipificado criminalmente, **Jusbrasil**. 2015. Disponível em: <https://lanyy.jusbrasil.com.br/artigos/182836587/ateofobia-um-tipo-de-preconceito-ainda-nao-tipificado-criminalmente>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo, Editora Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

TOMAZELA, José Maria. Aumento do número de ateus já preocupa Igreja Católica. **O Estado de S. Paulo** [9 abr. 2016]. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-do-numero-de-ateus-no-pais-ja-preocupa-igreja-catolica,1853820>. Acesso em: 10 jan. 2020.

TRIXE. **Os posts têm prazo de validade! Descubra quanto tempo eles duram**, 2020. Disponível em: <https://www.trixe.com.br/pt/blog/os-posts-tem-prazo-de-validade-descubra-quanto-tempo-eles-duram>. Acesso em: 10 jan. 2021.

TUDO CELULAR. **Facebook e Instagram reduzem alcance de posts para promover anúncios, reclamam usuários**. [18 jul. 2019]. Disponível em: <https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n144299/facebook-instagram-alcance-organico-posts.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VIEGAS, Fátima *et al.*. O que é intolerância religiosa? Lisboa: Escolar Editora, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/35772>. Acesso em: 10 jan. 2021.

WEB OF SCIENCE. **Homepage**. <https://webofknowledge.com>. Acesso em: 10 jan. 2020.

XAVIER, E. T.; CARDOSO, M. F. Ateísmo moderno: considerações sobre o crescimento do pensamento ateu na sociedade atual e sua influência nos contextos religiosos. **Kerygma**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 32–49, 2020. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1303>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ANEXO A - Certificado de participação no Intercom 2020

INTERCOM
UFBA 2020

CERTIFICADO

EDMAR LUZ DE ALMEIDA
participou do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, entre os dias 1º e 10 de dezembro de 2020, de forma virtual, evento promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e realizado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), como

EXPOSITOR(A) no(a) GP Comunicação e Religião - Sessão 2: Comunicação e Igrejas, com o trabalho "Ateus, esses invisíveis na televisão brasileira - um ensaio", de autoria de **EDMAR LUZ DE ALMEIDA**


Giovandro Marcus Ferreira
Presidente da Intercom


Ivane Hilbig de Andrade
Coordenadora Geral do Intercom 2020

Realização

 **facom**
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA

 **INTERCOM**

Apoio

 **CNPq**

 **UNIVERSIDADE CATÓLICA SALVADOR**

 **UFBA**
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

 **UNEB**
UNIVERSIDADE DO NORDESTE

 **GOVERNO DO ESTADO**
GOV. RICARDO TEIXEIRA

ANEXO B - Referências utilizadas no ensaio *Ateus, esses invisíveis na televisão brasileira*

- AGÊNCIA, SENADO. Tomam posse novos integrantes do Conselho de Comunicação Social, 2012.
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2012/08/08/tomam-posse-novos-integrantes-do-conselho-de-comunicacao-social> Acesso em 10/01/2020
- ATEA. www.atea.org.br, 2020.
- BARNA GROUP. Geração Z tem o dobro de ateus, 2018.
<https://pt.aleteia.org/2018/07/17/a-geracao-z-tem-o-dobro-de-ateus-diz-pesquisa/> Acesso em 10/01/2020
- ESTADÃO. Aumento do número de ateus preocupa a igreja católica, 2016.
<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-do-numero-de-ateus-no-pais-ja-preocupa-igreja-catolica,1853820> Acesso em 10/01/2020
- EXAME. Band é condenada por ofensa de Datena a ateus, 2013
<https://exame.abril.com.br/brasil/datena-e-condenado-por-ofender-ateus-em-programa/> Acesso em 10/01/2020
- FERREIRA, Gisele S.N. Sarney, FHC e Lula: 22 anos de “conversas ao pé do rádio”, Universidade Anhembi Morumbi, 2007.
- FRANCISCATO, Carlos E. "Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade", 2001.
- FOLHA. FHC distribuiu rádios e TVs educativas para políticos, 2002.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2508200202.htm> Acesso em 10/01/2020
- FOLHA. Governo Lula distribui TVs e rádios educativas a políticos, 2006.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1806200602.htm> Acesso em 10/01/2020
- FOLHA. Receita de igrejas quase dobra em oito anos e vai a R\$ 24,2 bi, 2019.
https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/receita-de-igrejas-quase-dobra-em-oito-anos-e-vai-a-r242-bi.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral Acesso em 10/01/2020
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Grupos sociais vítimas de Intolerância - Grau de aversão ou intolerância a grupos de pessoas, 2008.
<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/pesquisa-lgbt.pdf> Acesso em 10/01/2020
- GIACOMINI-FILHO, Gino; MARTIN, Sérgio. Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual, 2015.
- HABERMAS, Jürgen. A Berlin Republic: Writings on Germany. Lincoln University of Nebraska Press, 1997.
- H. MARSHALL, Mc Luhan. Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem. Cultrix. 1964.
- HONNETH, Axel. Luta pelo reconhecimento, 1992.
- LARANJA, Juliana. As representações sociais do ateu na TV brasileira: uma análise de discurso de programas da TV aberta. UNB, 2015.
- LEAL, Victor N. Coronelismo, Enxada e Voto, 1997.
- LOPES, Fernanda. Religião e ateísmo nas redes sociais: uma análise das expressões pessoais e de debates no Facebook, 2014.

- MALVEZZI, Roberto. Currais eclesiais. www.robortomalvezzi.com.br, 2019.
- MEZADRI, Fernando. Um estranho entre nós - perspectivas teóricas para um estudo sociológico do ateísmo na sociedade brasileira. Metodista, 2016.
- MONTERO, Paula; DULLO, Eduardo. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 2014.
- PORTAL IMPRENSA. Rede TV e igreja evangélica são processadas por atacar ateus em programa, 2011.
<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/44075/redetv+e+igreja+evangelica+sao+processadas+por+atacar+ateus+em+programa/oficinas> Acesso em 10/01/2020
- PUC-RS. Projeto 18/34 - As ideias e aspirações da Geração Y sobre o conceito de família, 2015.
<http://portal.eusoufamecos.net/famecos-lanca-estudo-sobre-conceitos-de-familia-2/> Acesso em 10/01/2020
- ROLDÃO, Ivete C. O Governo FHC e a política de radiodifusão, 2010.
- SECOM. Pesquisa Brasileira de Mídia, 2016.
<https://observatorio3setor.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Pesquisa-Brasileira-de-M%C3%ADdia-PBM-2016-1.pdf> Acesso em 10/01/2020
- SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 56-69, 2009.
- TOMÁS, Júlia Sá. A invisibilidade social, uma perspectiva fenomenológica, 2008.
- VEJA. MPF do Rio investiga invasão religiosa na grade de emissoras de TV, 2019.
<https://veja.abril.com.br/blog/radar/mpf-do-rio-investiga-invasao-religiosa-na-grade-de-emissoras-de-tv/> Acesso em 10/01/2020